

NOVO LANÇAMENTO
DAS EDIÇÕES

Jornal de
PSICOLOGIA

55 pags, 22 x 16 cm

Pedidos a: Jornal de Psicologia
Rua das Taipas, 76
4000 PORTO

juntando cheque ou vale no valor de 600\$00
(porte incluído)

"Deus estava cansado, tinha criado o homem e a mulher. O milagre da existência tinha esgotado as suas reservas de glicogéneo. Faltava-lhe energia para iniciar os seus filhos nas complexas artes da comunicação. Foi então que, ao olhar preguiçosamente as primeiras provas do seu trabalho, completou o que faltava com um gesto de magnânima criatividade, abençoando-os com os dotes mágicos do ...Olá..."

JORNAL DE PSICOLOGIA. 1990. VOL. 9. Nº 3



Jornal de

PSICOLOGIA

VOLUME

9

DIRECTOR: RUI ABRUNHOSA GONÇALVES • PUBL. BIMEST. • ANO 9 • Nº 3 • PREÇO 250\$00 • OUTUBRO 1990

**ACTIVIDADE ELECTRODÉRMICA E PSICOLOGIA
INTRODUÇÃO HISTÓRICA E METODOLOGIA**

Henrique Sequeira-Martinho

PÁGINA 3

**PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL-ANALÍTICA NA
TERAPIA DO AUTISMO INFANTIL**

Edgar de Gonçalves Pereira

PÁGINA 11

**A MOBILIDADE RESIDENCIAL E OS MOVIMENTOS
MIGRATÓRIOS: SUA INFLUÊNCIA NO
COMPORTAMENTO DELITUOSO**

Miguel Maria Lopez-Coira

PÁGINA 16

**ESBOÇO PARA UMA COMPREENSÃO
PSICODINÂMICA DA ADOLESCÊNCIA**

Eduardo Sá

PÁGINA 23

**REUNIÕES CIENTÍFICAS, CALENDÁRIO E OUTRAS
SECÇÕES**



EDITORIAL

O ESPAÇO PORTUGUÊS DA PSICOLOGIA

Portugal é um país pequeno. Assolam-no, de há algum tempo para cá, ventos de mudança. Poderá não ser a mudança que alguns, bastante ou muitos desejam, mas é, irreversivelmente, a mudança imposta pelas alterações políticas introduzidas recentemente e que nos colocam perante a inevitabilidade da adesão plena à C.E.E. e a absorção, mais ou menos recíproca, de modos de viver e conviver que testemunham um processo adaptativo à Europa de hoje.

A Psicologia é, por definição, a ciência do comportamento, sobretudo, do humano. O comportamento, por seu lado, é a manifestação externa dos processos adaptativos. Ainda que, simplisticamente, pode-se dizer que o percurso adaptativo de cada um resume-se ao desempenho sucessivo de determinados papéis consoante o contexto comportamental em que se esteja inserido (filho, irmão, amigo, colega de profissão, pai, etc.).

Onde eu quero chegar, e se calhar não é este o caminho mais curto, é que sendo nós pessoas, seres com emoções, cognições e comportamentos, temos, por conseguinte, a nossa psicologia. Que não é necessariamente melhor ou pior da dos outros mas é, simplesmente, diferente. Então, parece-me que havendo neste país várias instituições consignadas sob a égide do ensino da Psicologia, a melhor forma de as caracterizar é pela diferença das opções científicas que perfilham, mais do que através de juízos valorativos. Não que estes não tenham importância mas, no que me toca, penso que prestamos melhor serviço à Psicologia e aos seus profissionais se cuidarmos, sobretudo, de admitir que ser diferente é, apenas, ser diferente. O problema reside no facto de, para alguns — decerto mais iluminados que os comuns mortais — apenas ser bom o que faz na sua casa, de tal forma que o produto institucional não reflecte mais que uma orientação, não se cuidando de saber que se a Psicologia pode, antes de tudo, contribuir para o crescimento humano, as escolas que transmitem o seu saber devem ser, sobretudo, lugares de sementeira desse percurso em direcção à consciencialização da salutar diferença dos psicólogos que todos somos, porque somos humanos.

Possamos assim, através de uma adaptação-processo e não de uma adaptação-fim, contribuir para que, na nossa "missão" de agentes facilitadores do crescimento humano, a diferença se consubstancie e que dela se possa dizer que não é sinal de afronta ou desafio ao que já existe. É sinal de individualidade.

Rui Abrunhosa Gonçalves

Jornal de PSICOLOGIA

ISSN:0870-4783

DEPÓSITO LEGAL Nº 15561/87

DIRECTOR: Rui Abrunhosa Gonçalves

DIRECTORES ASSOCIADOS: Óscar Gonçalves e Miguel Cameira.

REDACÇÃO: Conceição Nogueira, Edgar Pereira, João Guedes Barbosa, Jorge Negreiros, José F. Cruz, Manuel Geadá, Maria do Céu Taveira, Natália Ramos, Paulo Machado, Pedro Barbas Albuquerque, Pedro Pinho, Telmo Baptista e Teresa Freire.

SECRETARIADO: Maria Amélia Santos.

COLABORADORES: Leandro Almeida (Porto); Aires Gameiro (Lisboa); Albano Estrela (Lisboa); Amaral Dias (Coimbra); Anna Bonboir (Louvain - Bélgica); Bárto Campos (Porto); Bartha Lajos (Budapest - Hungria); Brigitte Cardoso e Cunha (Porto); Aura Montenegro (Coimbra); G.R. Skanes (Newfoundland - Canadá); Georges Meuris (Louvain - Bélgica); Gerardo Marin (San Francisco - EUA); Gunnar Kylén (Estocolmo - Suécia); Hakan Brokstedt (Estocolmo - Suécia); Harlan Hansen (Minnesota - EUA); Isolina Borges e J. Bairo Ruivo (Porto); Klaus Helkama (Helsinki - Finlândia); Leonard Goodstein (Washington, D.C. - EUA); Lois Thies Sprinthall (North Carolina - EUA); Luís Alberto Guerreiro (New Jersey - EUA); Maria de São Luis Castro (Porto); E. Mullet (Paris - França); Maurice Reuchlin (Paris - França); Norman Sprinthall (North Carolina - EUA); Patrícia Fontes (Irlanda); Peter Merenda (Rhode Islande - EUA);

SUBSIDIADO POR: Fund.Eng.º António de Almeida; Gov. Civil do Porto; Câmara Mun. do Porto; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. ASSINATURA ANUAL: Portugal - Pessoal: 1000\$00; Instituições: 2500\$00; Países de expressão portuguesa (Brasil e África) - U.S. \$12; U.S. - \$16; Europa - U.S. \$15; U.S. \$20; Outros Países - U.S. \$20 - U.S. \$25; Preço avulso: 250\$00; Números atrasados: 250\$00.

A assinatura do Jornal de Psicologia é feita por 5 números/ano, a partir do nº 1 de cada ano, inclusivé.

PERIODICIDADE: Bimestral (cinco números/ano). Não se publica nos meses de Julho/Agosto.

FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO: Tipografia NUNES Lda., Rua D. João IV, 590 - 4000 Porto.

PROPRIETÁRIO: Grupo de Estudos e Reflexão em Psicologia, R. das Taipas, 76 - 4000 Porto

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: JORNAL DE PSICOLOGIA, Rua das Taipas, 76 - 4000 Porto

DISTRIBUIDORA: CDL - Av. Santos Dumont, 57-2º - 1000 Lisboa. Tel. 769744; Rua Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto. Tel. 693908; Rua Rosa Falcão, 9 - 3000 Coimbra. Tel. 29455.

TIRAGEM: 3000 exemplares.

LIVROS E PUBLICAÇÕES: Faremos referência a livros e outras publicações de que nos sejam enviados exemplares.

Desejamos estabelecer intercâmbio com outras publicações.

Nous souhaitons établir échange avec d'autres publications.

We wish to establish exchange with other publications.

INDEXADO EM: Psychological Abstracts; Ulrich's Directory.

SUBSCRIPTION RATES:

	Brasil/África	Europe	All others
Individual	US \$12	US \$15	US \$20
Institutions	US \$16	US \$20	US \$25

BACK ISSUES AND BACK VOLUMES: Write to: Jornal de Psicologia, R. das Taipas, 76 - 4000 Porto, Portugal

O JORNAL DE PSICOLOGIA é uma publicação destinada à divulgação e discussão de temas e assuntos nos diferentes domínios da Psicologia e ciências afins. O seu principal objectivo consiste em encorajar e facilitar o desenvolvimento da Psicologia em Portugal, contribuindo assim para o seu avanço como ciência, como profissão e como um meio de promover o bem estar humano.

O conteúdo do JORNAL DE PSICOLOGIA abrange diferentes áreas e domínios. Para além de artigos e estudos de carácter teórico, revisões de literatura, documentos e artigos de discussão de práticas inovadoras, regularmente aparecem secções especiais. Uma secção de "Opinião" é dedicada à discussão de aspectos actuais relacionados com a prática da Psicologia, críticas, réplicas ou pequenos artigos apresentando ideias e/ou perspectivas de carácter inovador. Além disso, a secção "Entrevista com ..." visa apresentar as ideias, o trabalho e o contributo, para o desenvolvimento da Psicologia, de especialistas nacionais e estrangeiros. Secções especiais são também dedicadas a revisões e comentários a livros e outras publicações, bem como a informações de carácter geral e a notícias sobre reuniões científicas nacionais e internacionais.

ACTIVIDADE ELECTRODÉRMICA E PSICOLOGIA Introdução Histórica e Metodologia

HENRIQUE SEQUEIRA-MARTINHO (*)

UNIVERSITÉ DES SCIENCES ET TECHNIQUES DE LILLE

No presente artigo, o autor analisa as condições técnicas necessárias ao registo da Actividade Electrodérmica (AE) e o interesse do seu uso em Psicologia. Após uma breve análise do contexto no qual apareceu a AE, são apresentadas as principais técnicas utilizadas no seu registo. A metodologia geral deste e os principais parâmetros electrodérmicos são igualmente descritos. Esta descrição, cujo objectivo é de fornecer referências práticas e rigorosas para eventuais experimentadores neste domínio, comporta valores usuais dos diferentes parâmetros. Enfim, é brevemente discutido o significado de alguns parâmetros como possíveis indicadores dos estados psíquicos.

INTRODUÇÃO

A actividade eléctrica da pele, resulta directamente do funcionamento das glândulas sudoríparas. Mais conhecida como Actividade Electrodérmica (AE), constitui um bom indicador da activação nervosa central e está relacionada com certos estados mentais. Pode registar-se no homem e no animal, por intermédio de electrodos habitualmente colocados na pele da palma das mãos.

Os estudos efectuados no homem demonstram que a AE é sensível a estímulos que têm um significado para o indivíduo. Estes estímulos são geralmente de natureza afectiva ou atencional. Os resultados obtidos na experimentação animal (Wang, 1957, 1958; Sequeira-Martinho & Roy, 1990) contribuem para determinar as estruturas nervosas e os factores cutâneos implicados na génese e na modulação da AE. Tais resultados são também pertinentes para o aperfeiçoamento da metodologia de registo e análise da AE assim como para a obtenção de argumentos fisiológicos úteis à explicação de dados providos da experimentação no homem.

Um século após a aparição do princípio técnico de registo, a actividade electrodérmica, apesar da divergência dos resultados obtidos, continua a ser o índice neurovegetativo mais utilizado em psicologia e em psicobiologia experimental e clínica. As facilidades do seu registo levaram os investigadores a preferi-la a outras respostas do sistema cutâneo sob o control neurovegetativo tais como os índices de sudação palmar (Voegelé et al., 1989) ou de perda de água, por evaporação, a partir da pele (Muthny et al., 1983). Estes dados explicam a

utilização da AE no estudo de temas de investigação tão diversos como a especialização hemisférica, a preparação à acção, as variações da vigilância e os estados emocionais.

A presente síntese integra-se num trabalho que compreende duas partes: a primeira, apresenta uma breve história do registo da AE e analisa os parâmetros electrodérmicos correntes; a segunda, tratará dos factores centrais e periféricos implicados na génese da AE e dos principais domínios de utilização deste índice neurovegetativo.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O "reflexo psicogalvânico" (Geldemeister, 1915), antes de tomar a denominação actual de "actividade electrodérmica", foi primeiro identificado como correspondendo a "modificações da resistência eléctrica" por Féré, em 1888. A resistência eléctrica da pele já tinha sido estudada igualmente por Vigouroux (1879), outro colaborador de Charcot, em doentes apresentando sintomas de anestésias histéricas, durante sessões de electroterapia. Mas foi Féré que considerou as modificações da resistência eléctrica da pele como um indicador externo da activação do sistema nervoso. A técnica de Féré consistia em medir as variações da resistência eléctrica da pele em resposta à aplicação de uma corrente eléctrica a nível cutâneo. Esta técnica ficou conhecida sob o nome de "effet Féré" e corresponde às técnicas actuais de registo em Condutância Dérmica (CD) e em Resistência Dérmica (RD).

Tarchanoff (1889), a fim de estudar o mesmo fenómeno, registou a actividade eléctrica da pele, mas sem aplicar uma corrente eléctrica externa, característica da técnica de Féré. Tal método é conhecido como "effet Tarchanoff" e corresponde à técnica actual de Potencial Dérmico (PD). Segundo Neumann e Blanton (1970), Tarchanoff limitou-se a aplicar à temática de Féré (1888), as técnicas de registo descobertas por Hermann (1878), no animal.

No espaço de uma década, de Hermann (1878) a Tarchanoff (1889), duas características importantes foram atribuídas às regiões cutâneas: produção de variações bioeléctricas naturais; capacidade de permitir e alterar a passagem de uma

(*) Professor de Psicobiologia no Département de Psychologie (Fédération Universitaire et Polytechnique de Lille) e investigador deste Departamento no Laboratoire de Psychophysiology da Université des Sciences et Techniques de Lille.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: H. Sequeira-Martinho, Université des Sciences et Techniques de Lille, Laboratoire de Psychophysiology, SN4, 59655 Villeneuve d'Ascq Cedex, France.

corrente eléctrica artificial.

A descoberta da actividade eléctrica da pele suscitou uma forte curiosidade nos psicólogos e psiquiatras dedicados à consolidação da jovem disciplina que era a Psicologia. Para estes profissionais, preocupados com a exploração dos processos psicológicos, este índice constituía a tradução material de uma activação psíquica relacionada com os estados afectivos e a actividade intelectual. A utilização de instrumentos julgados capazes de medir as emoções, os galvanómetros (Peterson, 1907), verdadeiros "psicómetros", intensificou a actividade dos investigadores da época, ansiosos de dispor de aparelhos que permitissem enfim um conhecimento objectivo dos estados mentais. Exemplo de um tal estado de espírito foi a colaboração de Veraguth (1907) e de Jung (1907); este último utilizou o "Psycho-galvanische Reflex-phaenomen" de Veraguth, em provas de associação de palavras, a fim de sondar os mecanismos do inconsciente.

A facilidade das técnicas de registo e as perspectivas de explicação dos processos psíquicos estiveram na génese de uma vasta literatura científica sobre a actividade eléctrica da pele. Em 1932, Landis recenseava já 550 publicações. Esta profusão de trabalhos compreendia essencialmente estudos efectuados no homem a fim de explorar os estados emocionais (Peterson, 1907; Wechsler, 1925), os mecanismos da volição (Aveling, 1926) e mesmo certas condições de percepção sensorial (Bordley e al., 1948). Os trabalhos experimentais ulteriores demonstraram que este entusiasmo foi rapidamente dissipado por dificuldades diversas, inerentes à evolução de qualquer ramo de investigação.

Actualmente, a bibliografia sobre a AE contabiliza alguns milhares de referências de interesse inegável; a explicação para este facto encontra-se na utilização de técnicas diversas cujos resultados são difíceis de comparar. O interesse experimental e clínico por este índice gerou igualmente uma terminologia complexa e variada. Reagindo a tais divergências, os especialistas actuais que trabalham neste domínio propõem a adopção de uma terminologia rigorosa (Blondin et al., 1990) e a normalização das técnicas de registo (Fowles et al., 1981).

A actividade electrodérmica foi identificada, até meados deste século, por diversas apelacões: "réflexe psychophysique galvanique", "réflexe psychogalvanique", "phénomène électro-cutané", "neuro-galvanique", "Psycho-galvanische Reflex", "galvanic skin reflex" e "skin potential reflex". Esta terminologia foi nitidamente influenciada pelo conceito de reflexo, característico do início do século:

Desenvolvendo-se segundo o tipo de reflexo, a actividade neuro-psíquica transparece finalmente para o exterior sob a forma de um movimento ou de uma reacção secretora ou vaso-motora. (Bechterew, 1913, p. 169).

As diversas denominações coexistiram, sem o rigor esperado, até à década de sessenta.

Com o objectivo de esboçar uma terminologia mais coerente e operacional da AE, Bloch (1965) propôs os termos seguintes: "actividade electrodérmica" para designar o conjunto dos fenómenos eléctricos da pele, registados com técnicas de resistência (RD) ou de potencial (PD); "resposta electrodérmica", termo já introduzido por Rucknick (1933), corresponde às variações físicas da actividade electrodérmica;

"electrodermografia", domínio de estudo da actividade electrodérmica e técnica que permite a obtenção de um electrodermograma (EDG); este último, corresponde a um registo observável e explorável das manifestações eléctricas da pele.

Diversas proposições de classificação apareceram nos últimos anos (Brown, 1967; Venables e Christie, 1980; Fowles e al., 1981; Blondin e al., 1990). Elas integram os diversos parâmetros da actividade electrodérmica e as diferentes técnicas de registo electrodérmico.

METODOLOGIA

No estado actual dos conhecimentos, as glândulas sudoríparas constituem a origem fisiológica imediata da AE (ver as revistas de Edelberg, 1972; Fowles, 1986).

Estas glândulas podem produzir secreções termoreguladoras e secreções sudoríferas relacionadas com as variações da AE. Neste último caso, a sudação é influenciada por estímulos emocionais, sensoriais e cognitivos (cálculo mental,...). Tal sudação, dita "psíquica" ou "emocional", produz-se de preferência na pele da palma das mãos e da planta dos pés (Bloch, 1965). As glândulas destas regiões só exercem uma função termoreguladora em presença de estímulos térmicos de grande intensidade. Enfim, existem regiões cutâneas, a frente e as regiões axilares, onde coexistem os dois tipos de sudação: termoreguladora e "psíquica".

Técnicas de registo

Classicamente, utilizam-se cinco técnicas de electrodermografia: registo em condutância dérmica (CD), em resistência dérmica (RD), em impedância dérmica (ID), em admitância dérmica (AD) e em potencial dérmico (PD). Estas técnicas diferem pelo método de recolha ou de indução das variações eléctricas da pele.

Nas quatro primeiras técnicas, ditas exossomáticas, registam-se as variações eléctricas da pele induzidas por uma corrente eléctrica, inofensiva e externa à preparação. A corrente é aplicada na superfície cutânea por um eléctrodo e recolhida por outro, colocado na proximidade. Nos registos em CD e em RD, a corrente é contínua; nos registos em ID e em AD, alternada. As técnicas em ID e em AD são raramente utilizadas.

Os registos em CD e em RD baseiam-se na Lei de Ohm ($V=RxI$, V =voltagem, R =resistência, I =Intensidade). Considerando esta, a voltagem constante que se emprega nos registos em CD permite de registar as variações de I , causadas neste caso pela Resistência da pele. Obtem-se finalmente a Condutância da pele calculando o inverso de R ($C=1/R$, C =condutância, R =resistência). No registo em RD utiliza-se uma corrente cuja intensidade seja constante. Por consequência e segundo a lei de Ohm, as variações de voltagem observadas serão atribuídas às variações de R da pele. Edelberg (1972) recomenda uma voltagem de 0,75 a 1,0 V nos circuitos destinados ao registo em CD e uma densidade de corrente de 8 mA/cm² nos circuitos utilizados no registo em RD.

Apesar da equivalência geral dos resultados obtidos em CD e em RD, a maioria dos investigadores utiliza a CD. Esta preferência é motivada por razões teóricas e de ordem prática. As primeiras apoiam-se geralmente nos trabalhos de Darrow

Métodos gerais de registo das variações eléctricas da pele	Técnicas de Registo Electrodermico	Abreviações Propostas	Unidades de Medida
Exossomático ("effet Féré") Registo bipolar de variações eléctricas induzidas por uma corrente eléctrica externa à pele. Corrente utilizada: Corrente continua Corrente continua Corrente alternada Corrente alternada	Condutância Dérmica Resistência Dérmica Admitância Dérmica Impedância Dérmica	CD RD AD ID	microsiemens (μS)* quiloohm ($k\Omega$) microsiemens (μS)* quiloohm ($k\Omega$)
Endossomático ("effet Tarchanoff") Registo de variações eléctricas naturais da pele. Método unipolar que regista a diferença de potencial eléctrico entre dois sítios cutâneos.	Potencial Dérmico	PD	milivolt (mV)

Tabela 1 - Métodos e técnicas de registo electrodermico, abreviações e unidades de medida respectivas. * O micromho (mmho) também se utiliza como unidade de medida.

(1964) e Lader (1970) os quais demonstraram a existência de uma relação linear entre a condutância da pele e a actividade das glândulas sudoríparas. Este facto levou certos autores (Likken & Venables, 1971; Venables & Christie, 1973) a divulgarem a CD como a técnica de registo que melhor representaria os fenómenos electrodermicos. No entanto, Boucsein e Hoffman (1979), após análise dos principais parâmetros electrodermicos, não puderam estabelecer uma diferença significativa entre a CD e a RD. Finalmente, cremos que a preferência pela CD resulta de considerações práticas tais como a maior disponibilidade de instrumentos, nos laboratórios e no mercado, para a registar.

A quinta e última técnica, o registo em PD, mede a diferença de potencial bioeléctrico, produzido pelos elementos cutâneos; o registo efectua-se por intermédio de dois eléctrodos em contacto directo com a pele. Esta técnica é também conhecida pelo nome de endossomática.

Os registos em CD e em PD são as duas técnicas mais utilizadas nos estudos experimentais e nas explorações clínicas. Mas o interesse metodológico destas duas técnicas difere. Por exemplo, o registo em PD depende de maneira importante das variações de hidratação da pele e manifesta-se sob a forma de respostas bifásicas difíceis de analisar (Fowles et al., 1981). Tais razões, e as já acima indicadas, mantêm o uso quase exclusivo dos registos em CD.

A recolha da Actividade Electrodermica

A visualização e a exploração da AE necessita a presença dos elementos clássicos de um sistema de amplificação de um sinal biológico: captador (eléctrodo), módulo electrónico ("coupleur") especializado na análise inicial de um sinal específico, preamplificadores, amplificadores e enfim polígrafo ou computador.

Consideremos agora o elemento do sistema de recolha mais próximo da origem do sinal biológico: o eléctrodo e as

condições físicas que o rodeiam. Fowles e al. (1981) propuseram um conjunto de indicações técnicas a respeitar, a este nível, nos registos em CD e em PD.

Os eléctrodos devem ser em Ag/AgCl. Este material apresenta a qualidade de minimizar o potencial de polarização que pode aparecer a nível de eléctrodos entre os quais passa uma corrente eléctrica.

A pasta electrolítica, aplicada entre o eléctrodo e a pele para facilitar o registo da AE, deve ter como constituinte principal o NaCl. Esta exigência é devida ao facto que o NaCl é o principal componente do suor, produto da actividade das glândulas sudoríparas. O respeito de tal exigência estabelece boas condições para que o funcionamento electrodermico seja pouco perturbado durante o período de registo. Por outro lado, a utilização de uma pasta condutora, neutra do ponto de vista bioquímico, parece dar os melhores resultados na prática experimental. A concentração de Cloreto de Sódio da pasta deve variar entre 0,050 e 0,070 M; com valores superiores a 0,070 M, a solução torna-se hipertónica em relação ao suor e pode modificar certas medidas em CD (Clements, 1990).

A superfície de contacto dos eléctrodos com a pele pode igualmente influenciar as medidas da actividade electrodermica quando utilizada a técnica de registo em CD. Por consequência, as recomendações da Comissão presidida por Fowles (1981) e os resultados obtidos por Mitchell e Venables (1980) sugerem a utilização de eléctrodos cuja superfície se aproxime de 1 cm². Recomenda-se igualmente o uso de dispositivos adesivos a fim de estabelecer um bom contacto entre o eléctrodo e a pele. Finalmente convém colocar os eléctrodos cerca de quinze minutos antes do início do registo electrodermico a fim de facilitar a estabilização do movimento de electrólitos entre a pele e os eléctrodos.

Os sítios cutâneos onde são colocados os eléctrodos foram estabelecidos segundo estudos experimentais e após análise de algumas considerações práticas (ver Venables & Christie, 1980). Como foi já indicado, os sítios mais adequados

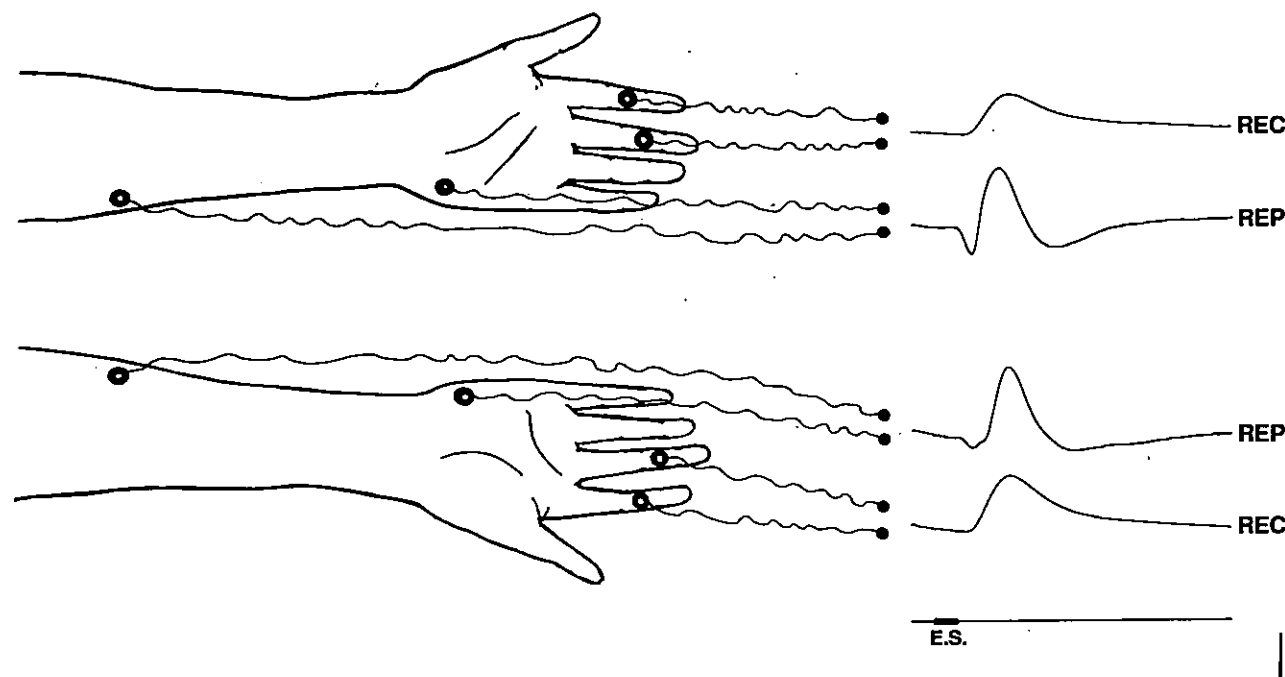


Figura 1 - Registro de respostas electrodérmicas em Condutância (REC) e em Potencial (REP) nas mãos esquerda e direita do mesmo sujeito, em resposta à apresentação biauricular de um som de 100 Hz (E.S.). A escala temporal corresponde a dois segundos; a escala de amplificação corresponde respectivamente a 1 mS e a 0.2 mV. (Adaptado de um registo de Sequeira-Martinho e Naveteur, 1989).

para o registo electrodérmico são a palma das mãos e a planta dos pés e isto porque são as regiões que possuem a maior densidade (2000/cm²) de glândulas sudoríparas de todo o corpo (Wiener & Hellman, 1960). Por razões de comodidade de fixação dos eléctrodos, os sítios de registo habituais localizam-se nas superfícies palmares (Figura 1).

O registo em CD efectua-se necessariamente entre dois eléctrodos colocados em duas regiões cutâneas electricamente activas. O registo em PD estabelece-se entre dois eléctrodos aplicados em dois sítios cutâneos electricamente activos mas apresentando um nível de actividade eléctrica diferente. Por consequência, partilhamos as indicações de Venables e Christie (1980, pp. 28-30) no que respeita a escolha dos sítios de registo da AE: em CD, os eléctrodos são colocados nas falanges médias do indicador e do dedo maior, em PD, um eléctrodo é colocado na região interna da palma da mão ou num dedo; o outro eléctrodo, dito de referência porque ocupando o sítio eléctricamente menos activo, é colocado na face interna do antebraço (Figura 1).

Enfim, recomendamos que, previamente à sessão experimental, o sítio cutâneo de registo seja limpo com água destilada. Este procedimento reduz as diferenças de hidratação e de concentração de electrólitos cutâneos dos diversos sujeitos.

CARACTERÍSTICAS DA AE

A Actividade Electrodérmica é constituída por duas componentes: o nível electrodérmico (NE) e a resposta electrodérmica (RE). O nível electrodérmico corresponde às flutuações eléctricas de base a partir das quais podem aparecer as respostas electrodérmicas.

As flutuações eléctricas do nível basal traduzem a acção tónica do sistema simpático sobre a actividade das glândulas

sudoríparas. Esta influência é contínua e as pequenas variações que apresenta resultam das oscilações normais das eferências simpáticas. Estas interagem, a nível periférico, com diversos factores (hidratação, temperatura) que podem influenciar a AE. O NE varia de um sujeito para outro e, no mesmo sujeito, pode variar de maneira importante durante uma curta sessão

Componentes da Actividade Electrodérmica e respectivas técnicas de registo	Abreviações		
	Inglês	Francês	Português
Nível Electrodérmico	EDL	NED	NE
* Condutância Dérmica	SCL	NCD	NEC
* Resistência Dérmica	SRL	NRD	NER
* Admitância Dérmica	SYL	NAD	NEA
* Impedância Dérmica	SZL	NZD	NEI
* Potencial Dérmico	SPL	NPD	NEP
Resposta Electrodérmica	EDR	RED	RE
* Condutância Dérmica	SCR	RCD	REC
* Resistência Dérmica	SRR	RRD	RER
* Admitância Dérmica	SYR	RAD	REA
* Impedância Dérmica	SZR	RZD	REI
* Potencial Dérmico	SPR	RPD	REP

Tabela 2 - Abreviações utilizadas na identificação das principais componentes da Actividade Electrodérmica, registada segundo as diferentes técnicas.

experimental. O NE desta, corresponde a um valor médio calculado a partir de um grande número de valores representativos do período de registo.

As respostas electrodérmicas correspondem a variações importantes do NE. Estas variações são breves e facilmente registáveis por um sistema de análise electrofisiológico usual. Consideram-se habitualmente como respostas electrodérmicas, as variações breves do nível de base que atingem um valor superior ou igual a 0,02 microsiemens (mS).

Bloch, em 1965, insistia já no facto de que a separação das duas componentes da AE é arbitrária do ponto de vista fisiológico; de facto, parece bem estabelecido que as RE dependem do NE que as precede (Bull & Gale, 1974; Boucsein et al., 1984). Esta dependência, que pode ser discutida no

quadro explicativo da clássica "Lei do Valor Inicial", deve fazer parte das preocupações metodológicas do experimenter que utiliza a AE. Não obstante, sendo as RE um índice pertinente das reacções pontuais de um indivíduo perante uma estimulação que lhe é significativa, a separação das duas componentes parece justificada.

As componentes assim descritas podem ser registadas segundo as cinco técnicas utilizadas em electrodermografia. Na tabela 2, aparecem as duas componentes electrodérmicas e as respectivas abreviações usuais em inglês e as abreviações propostas em francês por Blondin et al. (1990).

As abreviações propostas por Blondin et al. (1990), ainda que precisas, parecem-nos complexas com vista a um uso prático. Propomos em português, abreviações mais

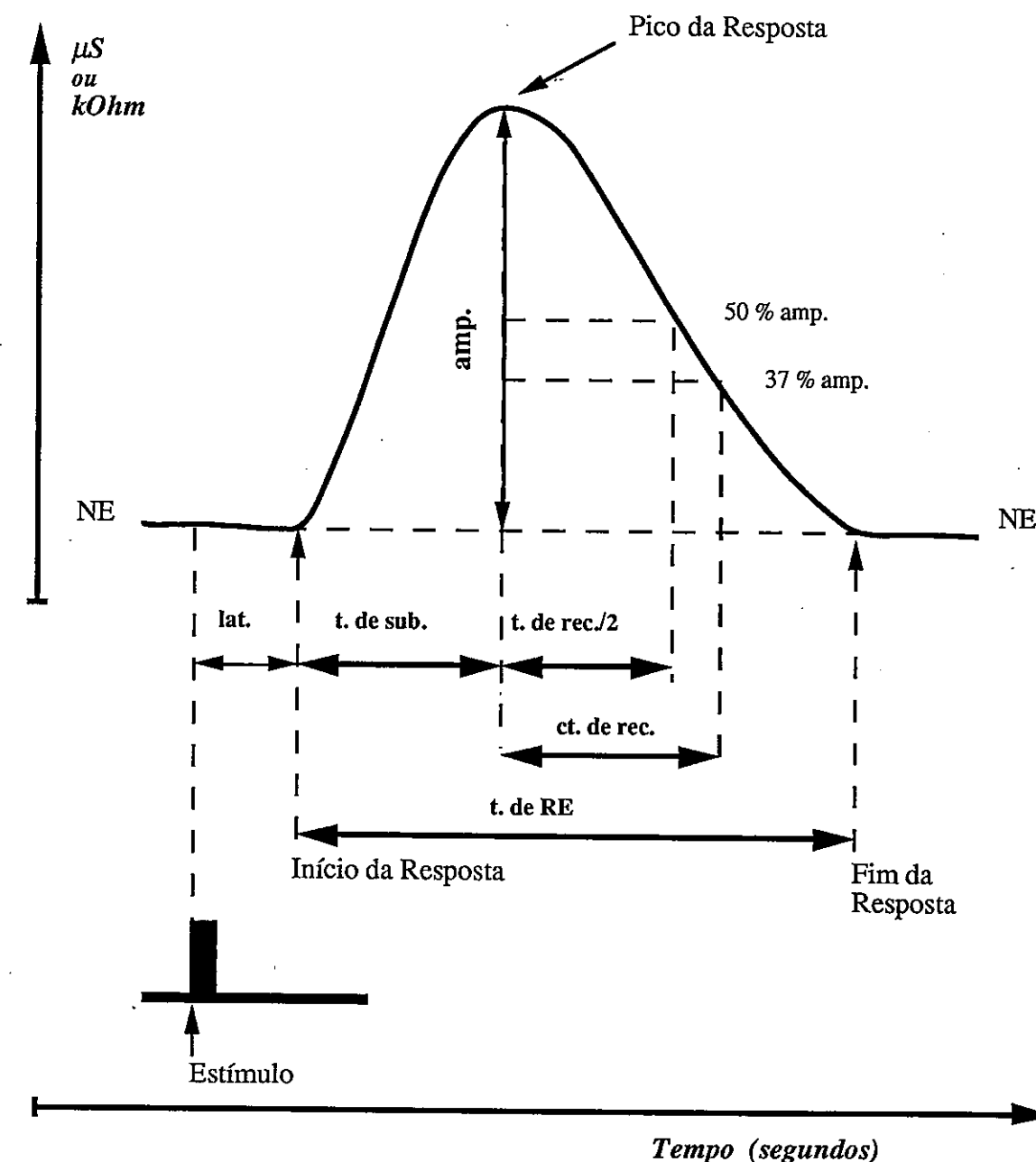


Figura 2 - Representação de uma resposta electrodérmica, típica do método exossomático, e análise dos principais parâmetros: nível electrodérmico (NE); amplitude da RE (amp.); latência (lat.); tempo de subida (t. de sub.); tempo de recuperação, correspondente a 50% (t. de rec./2), ou 37% (ct. de rec., constante temporal de recuperação) do valor de amplitude do pico da resposta; tempo de resposta (t. de RE).

simples que facilitam a identificação imediata da componente electrodérmica assim como a técnica de registo empregada.

Na prática experimental distinguem-se dois tipos de RE: não específicas (RE.nesp) ou espontâneas e específicas (RE.esp) ou desencadeadas. As RE não específicas aparecem sem resultarem aparentemente de uma qualquer estimulação. As RE específicas são desencadeadas por estímulos controláveis pelas condições experimentais. Nos dois casos, a decisão de análise das RE depende de critérios (amplitude e/ou latência) previamente estabelecidos.

As RE específicas ou não específicas apresentam diversos parâmetros temporais e de grandeza comuns tais como a morfologia (morf.), a amplitude (amp.), o tempo de subida (t. de sub.), o tempo de recuperação (t. de rec.) e o tempo de resposta (t. de RE) (Figura 2). A latência e a frequência de aparição das RE interessam respectivamente as RE específicas e não específicas.

A morfologia das RE varia segundo as técnicas de registo: unifásica negativa, no caso das REC (RE em condutância) e das RER (RE em resistência); unifásica negativa, bifásica ou mesmo trifásica no caso das REP (RE em potencial). Na Figura 2, representamos os principais parâmetros de uma RE, típica do método exossomático.

A amplitude é o parâmetro que traduz a intensidade (as unidades de medida variam segundo as técnicas utilizadas) da RE. A amplitude corresponde à diferença entre o valor do NE que precede a RE e o valor eléctrico máximo da RE. A latência corresponde ao tempo, medido entre o início do estímulo e o início da RE. O tempo de resposta traduz o intervalo entre o início da resposta e o regresso à linha do nível de base. Isto significa que os valores do NE que precedem e seguem imediatamente a RE são equivalentes. O tempo de recuperação

corresponde ao intervalo entre o pico da RE e o fim da mesma. Outros tempos de recuperação, convencionais, são habitualmente utilizados e traduzem o tempo correspondente a 50 % (t. de rec./2.) e 37% (ct. de rec., constante temporal de recuperação) do valor de amplitude do pico da resposta.

As unidades de medida das diferentes técnicas de registo foram apresentadas na Tabela 1. A Tabela 3 mostra os valores usuais dos diferentes parâmetros da AE nas técnicas de CD e PD.

A latência é considerada um dos parâmetros mais úteis para identificar as RE específicas. Uma RE é habitualmente específica quando desencadeada 1 a 3 segundos depois do estímulo. Os valores de amplitude em condutância e em potencial podem atingir respectivamente 3 mS e 25 milivoltes (mV). A amplitude parece traduzir a intensidade da activação simpática e influencia o t. de RE. Neste sentido, Lidberg e Wallin (1981) mostraram uma relação linear entre a frequência dos impulsos simpáticos sudomotores e a amplitude das RER. Bloch (1965) demonstrou que o t. de RE cresce em função da amplitude da mesma. Neste caso, o aumento do t. de RE resulta da diminuição do tempo de subida e do alongamento do tempo de recuperação. Martin e Rust (1976) confirmaram a relação significativa entre estes últimos parâmetros, numa prova de habituação.

A interpretação dos diversos tempos de recuperação da RE continua a ser um dos aspectos da AE que mais controversia e interesse tem suscitado. Certos autores (Bundy et Fitzgerald, 1975) consideram-nos simplesmente como a consequência da activação do sistema electrodérmico que precede e desencadeia a RE. Mas Edelberg e Muller (1981) criticam esta interpretação e consideram as medidas de recuperação como o índice de um processo de reabsorção a nível das glândulas

Principais parâmetros da Actividade Electrodérmica		Valores usuais (mínimo e máximo) das medidas em Condutância e em Potencial Dérmicos	
		CD *	PD
NE		1 - 40 μ S	+10 - -70 mV
RE específicas (RE.esp)**			
Morfologia (morf.)		Unifásica negativa	Unifásica negativa, Bifásica ou Trifásica
Latência (lat.)		1,3 - 3 seg.	1 - 3 seg.
Amplitude (amp.)		0,01 - 3 μ S	amp. de fase $\leq$ 25 mV
Tempo de Subida (t. de sub.)		1 - 2,5 seg.	0,5 - 15 seg.
50% do tempo de recuperação (t. de rec./2)		1 - 15 seg.	1 - 60 seg.

Tabela 3 - Valores usuais (mínimo e máximo) dos principais parâmetros da Actividade Electrodérmica, obtidos em CD e em PD.

* Em RD, os valores de amplitude correspondem ao inverso dos valores em CD; as medidas temporais são equivalentes. ** As RE não específicas (RE.nesp) têm os mesmos parâmetros (excepção feita da latência), mas a estes se acrescenta um outro: a frequência de aparição das respostas, exprimida em RE/min.

sudoríparas, necessário à execução de comportamentos adaptados a um objectivo.

Tais propostas explicativas, ainda que divergentes e não consolidadas com experiências cujos resultados sejam suficientemente explícitos, são o índice de um esforço geral para ultrapassar a atitude teórica clássica, segundo a qual a AE seria apenas um indicador da activação do sistema nervoso central. Por consequência, estas investigações fazem parte de uma atitude metodológica que consiste em questionar as diferentes características da AE como eventuais reveladores de informações de ordem psicológica.

CONCLUSÕES

Os dados analisados na presente síntese mostram que o estudo dos fenómenos electrodérmicos seguiu uma evolução organizadora bastante lenta, originada principalmente na utilização de métodos de registo e de análise difíceis de comparar. A experimentação actual deve, por consequência, apoiar-se numa metodologia rigorosa e numa terminologia exacta e reconhecida pelo conjunto dos utilizadores.

Tais condições parecem-nos indispensáveis para garantir a qualidade dos trabalhos a efectuar e ajudar a definir os domínios de aplicação nos quais o uso da AE poderá revelar-se como um indicador pertinente da vida psíquica.

A análise dos factores centrais e periféricos que originam a AE, apresentada na segunda parte do nosso trabalho, poderá contribuir certamente a melhor avaliar a importância comportamental de este índice neurovegetativo.

REFERÊNCIAS

- Aveling, F. (1926). The conative indications of the psychogalvanic phenomenon. *Proc. 8th Int. Cong. Psychol.*, 227-234.
- Bechterew, W. (1913). *La psychologie objective*. Paris: Librairie Alcan.
- Bloch, V. (1965). Le contrôle central de l'activité électrodermale. *Journal de Physiologie*, 57, suppl. 13, 1-132.
- Blondin, J. P., Freixa i Baqué, E., Bergeron, J. & Roy, J.C. (1990). Classification et nomenclature des phénomènes électriques cutanés (activité électrodermale). *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 22, 151-161.
- Bordley, J.E., Hardy, W.G. & Richter, C.P. (1948). Audiometry with the use of the galvanic skin resistance response. *Bull. Johns Hopkins Hosp.*, 82, 569.
- Boucsein, W. & Hoffman, G. (1979). A direct comparison of the skin conductance and the skin resistance methods. *Psychophysiology*, 16, 66-70.
- Boucsein, W., Baltissoon, R. & Euler, M. (1984). Dependence of skin conductance reactions and skin resistance reactions upon previous level. *Psychophysiology*, 21, 212-218.
- Brown, C.C. (1967). A proposed standard nomenclature for psychophysiological measures. *Psychophysiology*, 4, 260-264.
- Bull, R. & Gale, A. (1974). Does the law of initial value apply to the galvanic skin response. *Biological Psychology*, 1, 213-227.
- Bundy, R., & Fitzgerald, H.E. (1975). Stimulus specificity of electrodermal recovery time: an examination and reinterpretation of the evidence. *Psychophysiology*, 12, 406-411.
- Clements, K. (1990). *The use of purpose-made electrode gels in the measurement of electrodermal activity: A correction to Grey*

and Smith (1974). Communication personnelle, Janvier 1990, 3 p.

- Darrow, C. W. (1964). The rationale for treating the change in galvanic skin response as a change in conductance. *Psychophysiology*, 1, 31-38.
- Edelberg, R. (1972). The electrodermal system. In N. S. Greenfield and R.A. Steenbach (Eds.), *Handbook of Psychophysiology*. New York: Holt.
- Edelberg, R. & Muller, M. (1981). Prior activity as a determinant of electrodermal recovery rate. *Psychophysiology*, 18, 17-25.
- Féré, C. (1888). Note sur les modifications de la résistance électrique sous l'influence des excitations sensorielles et des émotions. *Comptes Rendus de la Société de Biologie*, (ser. 9), 5, 217-219.
- Fowles, D. C. (1986). The eccrine system and electrodermal activity. In M. G. H. Coles, E. Donchin and S.G. Porges (Eds.), *Psychophysiology. Systems, processes and applications*. Amsterdam: Elsevier.
- Fowles, D. C., Christie, M. J., Edelberg, R., Grings, W. W., Lykken, D. T. & Venables, P.H. (1981). Publication Recommendations for electrodermal measurements. *Psychophysiology*, 18, 232-239.
- Geldemeister, M. (1915). Der sogenannte Psycho-galvanische Reflex und seine Physikalisch-chemische Deutung. *Pflügers Archiv für die gesamte Physiologie*, 162, 489-506.
- Hermann, L. (1878). Über die Secretionsströme und die Secretion der Haut bei Fröschen. *Pflügers Archiv für die gesamte Physiologie*, 17, 291-310.
- Jung, C. G., (1907). On psychophysical relations of the associate experiment. *Journal of the Abnormal Psychology*, 7, 247-255.
- Lader, M. H. (1970). The unit of quantification of the GSR. *Journal of Psychosomatic Research*, 14, 109-110.
- Landis, C. (1932). Electrical phenomena of the skin (the galvanic skin response). *Psychological Bulletin*, 29, 693-752.
- Lidberg, L. & Wallin G. (1981). Sympathetic skin nerve discharges in relation to amplitude of skin resistance responses. *Psychophysiology*, 18, 268-270.
- Lykken, D. T. & Venables, P. H. (1971). Direct measurement of skin conductance: A proposal for standardization. *Psychophysiology*, 8, 656-672.
- Martin, I. & Rust, J. (1976). Habituation and the structure of the electrodermal system. *Psychophysiology*, 13, 554-562.
- Mitchell, D.A. & Venables, P. H. (1980). The relationship of EDA to electrode size. *Psychophysiology*, 17, 408-412.
- Muthny, F. A., Foerster, F., Hoeppner, V., Mueller, W. & Walschburger, P. (1983). Skin evaporation water loss (SE) and the skin conductance (SC) under various psychophysiological conditions. *Biological Psychology*, 16, 241-253.
- Neumann, E. & Blanton, R. (1970). The early history of electrodermal research. *Psychophysiology*, 6, 453-475.
- Peterson, F. (1907). The galvanometer as a measurer of emotions. *British Medical Journal*, 2, 804-806.
- Ruckmick, C. A. (1933). Terminology in re psycho galvanic reflex. *Psychological Review*, 40, 97-98.
- Sequeira-Martinho, H. & Roy, J.C. (1990). *The nervous control of electrodermal activity: the contribution of animal research*. Comunicação a apresentar no "Vth International Congress of Psychophysiology". Budapeste.
- Sequeira-Martinho, H. & Naveteur, J. (1989). Reliability of bilateral evoked electrodermal activity. *Journal of Psychophysiology*, 3, p. 204.
- Tarchanoff, J. (1889). Décharges électriques dans la peau de l'homme sous l'influence de l'excitation des organes des sens et de différentes formes d'activité psychique. *Comptes Rendus de la Société de Biologie*, (ser. 9), 41, 447-451.
- Venables, P. H. & Christie, M. J. (1973). Mechanisms, instrumenta-

- tion, recording techniques and quantification of responses. In W. F. Prokasy and D. C. Raskin (Ed.). *Electrodermal activity in psychological research*. New York: Academic Press.
- Venables, P. H. e Christie, M. J. (1980). Electrodermal Activity. In I. Martin and P. H. Venables (Ed.). *Techniques in Psychophysiology*. New York: John Wiley & Sons Ltd..
- Veraguth, O. (1907). Das Psychogalvanische Reflex-phenomen. *Monatschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 21, 387-424.
- Vigouroux, R. (1879). Sur le rôle de la résistance électrique des tissus dans l'électro-diagnostic. *Comptes Rendus de la Société de Biologie*, (ser. 6), 31, 336-339.
- Voegelé, C., Burchett, C. & Koehler, T. (1989). Palmar sweat gland activity (PSI) under laboratory stress conditions: An examination of some methodological problems. *Journal of Psychophysiology*, 3, 205.
- Wang, G. H. (1957). The galvanic skin reflex. A review of old and recent works from a physiologic point of view (Part I). *American Journal of Physical Medicine*, 36, 295-320.
- Wang, G. H. (1958). The galvanic skin reflex. A review of old and recent works from a physiologic point of view (Part II). *American Journal of Physical Medicine*, 37, 35-37.
- Wechsler, D. (1925). The measurement of emotional reactions: research on the psychogalvanic reflex. *Archives of Psychology*, 76.
- Wiener, J.S. & Hellman, K. (1960). The sweat glands. *Biological Review*, 35, 141-186.

ABSTRACT

ELECTRODERMAL ACTIVITY AND PSYCHOLOGY
AN HISTORICAL INTRODUCTION AND METHODOLOGY

In the present paper, the author analyses the technical conditions for recording the Electrodermal Activity (EDA) and its interest for psychological studies. A brief recall of early history of EDA is presented and is followed by a general survey of techniques used for EDA recording. Also the general methodology, the main electrodermal parameters and their usual values are presented. Finally, the interest of some electrodermal parameters for psychological studies is considered.

RESUMÉ

ACTIVITE ELECTRODERMALE ET PSYCHOLOGIE
APERÇU HISTORIQUE ET METHODOLOGIE

La présente contribution analyse les conditions techniques nécessaires à l'enregistrement de l'Activité Electrodermale (AED) ainsi que l'intérêt de son utilisation en Psychologie. Après avoir rappelé l'évolution des principaux concepts, nous nous attachons à évaluer rapidement les principales techniques nécessaires à l'enregistrement fiable de l'AED. Nous décrivons ensuite la procédure générale d'enregistrement et les paramètres électrodermaux. Enfin nous discutons la signification de quelques paramètres, pris comme d'éventuels indices des états psychologiques.

1. Devem ser enviadas três cópias (incluindo o original) do manuscrito, para o Director, Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76 — 4000 PORTO.

2. Os manuscritos não devem, ordinariamente, ultrapassar as 12-15 páginas, dactilografadas a 2 espaços. Todas as páginas devem ser numeradas sequencialmente. Deve incluir-se um resumo em português, o título do artigo em inglês e em francês, um resumo em inglês (abstract) e em francês (résumé); os resumos devem ter aproximadamente 150 palavras. Quadros, figuras, resumo, abstract, résumé e referências bibliográficas devem ser dactilografadas em páginas separadas.

3. Da primeira página do manuscrito, devem constar as seguintes informações: a) Título do artigo; b) nome(s) e afiliação(ões) institucional(ais) do(s) autor(es); c) morada actual do(s) autor(es).

4. a) Os quadros devem ser numerados sequencialmente e devem ter título. Cada quadro deve constar de folhas separadas, e a sua localização aproximada deve ser indicada por uma linha do texto transcrita em separado (por exemplo: "O Quadro I entra aproximadamente depois da seguinte linha...").

b) Gráficos e outras figuras, também transcritos em folhas à parte, devem ser numerados sequencialmente (ex.: fig. 1, fig. 2, etc.), e a sua localização deve ser indicada de forma idêntica à dos quadros. As figuras devem ser desenhadas a tinta da China e cuidadosamente legendadas.

c) Nos casos em que se justifique, o Jornal de Psicologia poderá solicitar ao(s) autor(es) uma participação nos custos de reprodução de gravuras.

5. As notas de roda-pé, dactilografadas em separado, devem ser reduzidas ao mínimo, e numeradas sequencialmente, sendo publicadas no final do texto.

6. As referências devem ser citadas ao longo do texto (e não em roda-pé), constando do nome do autor(es) seguido do ano da publicação entre parêntesis. Por exemplo: "como Piaget (1964) fez notar..." ou "Krohne e Laux (1981) concluíram que..."

A lista de referências bibliográficas deve ser organizada alfabeticamente, tendo o cuidado de sublinhar, respectivamente o: a) Título da revista onde foi publicado o artigo; b) Título do livro; c) Título do livro onde foi publicado o artigo; d) Título da comunicação. Exemplos:

a) Artigos de revista

Abrami, P., Leventhall, L., e Perry, R. (1982). Educational Seduction. *Review of Education Research*, 52, 446-464.

b) Livros

Garber, J., e Seligman, M. (1980). *Human Helplessness*. New York: Academic Press.

c) Artigos em livros

Dunklin, M. (1985). Research on teaching in higher education. In M. C. Wittrock (Ed.) *Handbook of research on teaching* (3rd ed.). New York: MacMillan.

d) Comunicações

Margh, H., e Overall, J. (1979). *Validity of students evaluations of teaching*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da American Educational Research Association, San Francisco.

Em caso de dúvida, os autores deverão consultar o APA Publishing Manual, 3rd edition (1983).

7. São gratuitamente fornecidas ao(s) autor(es) duas cópias do número do jornal em que saiu o respectivo artigo e dez separatas do mesmo. Outras reimpressões dos artigos são fornecidas ao preço de custo mais encargos postais, se forem requisitadas quando o manuscrito é publicado.

8. Qualquer manuscrito que não obedeça às instruções acima referidas, é passível de ser devolvido para a necessária revisão antes de ser publicado.

9. Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos autores.

10. Após a sua publicação no J.P. os artigos ficam a ser propriedade deste.

PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL-ANALÍTICA NA
TERAPIA DO AUTISMO INFANTIL (*)

EDGAR DE GONÇALVES PEREIRA(**)

Justifica-se sumariamente o desenvolvimento histórico dos conceitos e terapêuticas do síndrome de Kanner (autismo infantil). A partir dos aprofundamentos relativos às últimas investigações no campo terapêutico, são delineadas, embora sucintamente, as razões que fundamentam a estruturação dos programas de apoio às pessoas autistas. O objectivo último é chamar a atenção para a revolução operada nos eixos do raciocínio que podem servir de base à compreensão do comportamento humano, e daí à sua terapêutica, nomeadamente a atenção progressiva aos comportamentos cobertos.

"Estes universos especulativos são, à semelhança da arte, produto da nossa fantasia, da nossa intuição. Na ciência, porém, são controlados pela crítica: a crítica científica, a crítica racional dirigida pela ideia reguladora da verdade. Nunca podemos justificar as nossas teorias científicas, porque nunca poderemos saber se se revelarão falsas. Mas podemos testá-las criticamente: a justificação cede lugar à crítica racional. A crítica refreia a fantasia sem a aprisionar".
(in Popper, K. 1989 - "Em Busca de um Mundo Melhor"
(Lisboa: Fragmentos Editorial)

Certamente que desde há muitos anos existem indivíduos perturbados com "autismo infantil", mas embora passado esse enorme período de tempo, ainda hoje nada de concreto se sabe sobre a etiologia e as alterações biológicas desta patologia muito grave.

A esta situação acresce o facto do modo como, o conjunto de manifestações comportamentais a que se chama "autismo infantil", facilita e cataliza múltiplas maneiras de ser conceptualizado, diferindo de umas para outras, e significativamente, nas ideologias e metodologias que tentam a compreensão e modificação do comportamento humano.

O "jogo de encaixe", para usar a analogia comum, é então complexo: Não só se desconhecem o número de "peças" englobadas, como não estão definidas suas tonalidades, espessuras, conteúdos, formas de ligação, etc., etc..

Por motivo destes desconhecimentos, só com enorme dificuldade se podem prescrever planos de actuação ou terapêuticas, e é igualmente desfavorável o âmbito das actuais investigações, que embora tendo melhorado de um modo

surpreendente nos últimos quarenta anos, é ainda insuficientemente específico e útil.

É este o "estado das coisas" que existe, e que nas diversas comunidades científicas, em variadas partes do mundo, todos nós técnicos pretendemos afinal vir a alterar, lúcida, cuidadosa e atempadamente... quaisquer que sejam os modos de apreender e de teorizar de cada um.

Se em 1943, Leo Kanner, teve o mérito indiscutível de separar os aspectos clínicos do autismo infantil, de outros que acompanham por vezes, algumas psicoses infantis e perturbações infantis do desenvolvimento, ele teria começado também a comentar como "causalidade" do autismo, as ausências de "calor relacional" demonstrados pelos pais destas crianças, referindo expressamente as suas tendências para uma "mecanização dos contactos humanos" (Rutter & Howlin, 1987). A estas especulações sobre uma origem psicógena, veio juntar-se a infelicidade do nome de "AUTISMO" que escolheu, a partir da influência de Bleuler (Ritvo, et al., 1976), e isto fundamentalmente por sugerir nestes indivíduos uma "recusa" de contactos com o exterior, concepções que, crescendo de popularidade, prevaleceram nas décadas de cinquenta e sessenta, fornecendo e desenvolvendo a ideia de que o autismo era uma perturbação do funcionamento social, de causa emocional, manifestamente observável nas respostas de reacção da criança a um meio dito desfavorável, em vez de algo caracterizado por déficits inatos e deficiências de produção específicos (Rutter, & Howlin, 1987; Bandura, 1969).

Obviamente que esta situação iria ter grande influência nos tipos de tratamento que se prestavam, incidindo estes, quer directamente na criança, quer nos pais, e tais métodos tornavam-se nessa época, os modos de terapia mais vastamente aceites e divulgados. Autores como Boatman e Szurek (1960), Bettelheim (1967), O'Gorman (1970), e outros, constituíram-se assim em marcos basilares para estas orientações.

As afirmações e hipóteses de tratamento que propunham eram, por vezes espetaculares, e suscitaram naturalmente o interesse das ciências do comportamento. Alguns anos mais, e as investigações viriam mostrar que se falhava em comprovar o valor destes variados conceitos etiológicos e dos procedimentos terapêuticos consequentes (De Mayer, Pontius, et al., 1972). Não que, de algum modo, tais conceitos não tivessem algum interesse, ou que tais terapias não produzissem quais-

(*) Uma versão inicial deste artigo constituiu uma comunicação apresentada no Seminário "Psicologia nos Serviços de Saúde", Universidade de Lisboa, 7, 8 e 9 de Abril de 1989.

(**) Psicólogo Clínico e Director Pedagógico dos Centros Terapêuticos da Associação Portuguesa para Protecção aos Deficientes Autistas.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Dr. Edgar Gonçalves Pereira, Rua da Junqueira, nº 218 r/c - 1300 LISBOA.

quer efeitos, mas porque seriam probabilisticamente menos úteis. Iriam falhar também estas teorias, em explicar a natureza altamente específica dos déficits de produção já referidos (determinantes antecedentes e consequentes do comportamento) (Bandura, 1969), bem como dos déficits relativos às aprendizagens sócio-cognitivas (determinantes mediacionais atencionais-perceptivos, simbólico-linguísticos, retencionais) (Bandura, 1969). Falhava-se ainda na possibilidade destas formas de conceptualização e de acção, estarem sujeitas a avaliações sistemáticas e operacionalizadas.

Em consequência da progressiva construção científica de bases para o aprofundamento do conhecimento sobre o comportamento humano, em especial com a revolução operada com as teorizações que relevam do "modelo psicológico" (Lovaas, 1969; Bandura, 1969), produziram-se mudanças conceptuais variadas, que levaram, desde há alguns anos, a intervenções aparentemente melhor sucedidas (Rutter, Tizard et al., 1970; Rutter & Howlin, 1987). Os indivíduos autistas e outros a quem se tinham diagnosticado doenças e características constitucionais especiais a partir das quais se comportavam, podiam aprender muito mais a adaptarem-se, e assim a desenvolverem-se, mais do que era geralmente previsto, se se alterassem as condições específicas em que operavam. A relação com o meio físico e/ou social tornava-se área de atenção específica, e as reconceptualizações assim produzidas levavam a ter em conta, quer na conceptualização, quer na terapêutica, certas variáveis que se iam verificando como mais manipuláveis, pelo próprio ou por outro, e que assim se tinham tornado mais úteis por via de uma cuidadosa operacionalização. Estava-se então mais capaz de usar certos determinantes do comportamento, melhorando-se deste modo processos e modos de funcionamento, e conseguindo-se que cada pessoa se adaptasse melhor ao confronto com as situações de vida.

A atenção dos teóricos e investigadores começou a tocar os déficits ligados à perturbação, distinguindo, especificamente a partir dos inúmeros estudos comportamentais, os factores relacionados com as estimulações ambientais conducentes à produção de uma resposta mediatizada (déficits de produção), e as variáveis relacionadas com as respostas mediacionais que não ocorrem, ou que mesmo quando ocorrem e têm retro-alimentação a controlar as respostas abertas finais, (déficits de mediação), mesmo assim, se manifestam disfuncionais.

Uma tentativa de esquematização destas variáveis levaria a uma aproximação do tipo que é apresentado na figura 1.

Importante é destacar que se passa a uma análise onde se entretece um complexo infinito de sistemas e sub-sistemas de resposta, operacionalizáveis em todas as manifestações comportamentais cobertas e abertas relativas aos funcionamentos atencional-perceptivo, simbólico-linguístico, retencional e onde há que ter em conta a sua possível "sobrepesquisa", e daí a sua possível não "consciencialização" e autonomia funcional num dado tempo; e a dificultar, o inesgotável continuum dos infractores antecedentes, temporalmente coincidentes e consequentes, respectivas contingências e ligação, em cadeia, às próprias contingências das respostas manifestas, resultando o conjunto numa organização complexa que há que conhecer melhor.

As implicações destes avanços são de uma importância

inegável, mas nem por isso estão significativamente presentes nas grandes linhas de orientação terapêutica dos últimos anos e bem menos ainda cá em Portugal. A mais óbvia delas é a da necessária atitude de investigação constante acerca do modo como, os indivíduos menos adaptados, confrontam as situações de relação com o meio físico e/ou social, e como se confrontam consigo próprios. Resultaria daqui a necessidade de se denharem acções onde, por via dos princípios fundamentais da psicologia da aprendizagem, pudessem eles próprios superar novas aprendizagens, para que, de novo se revelassem mais "déficits", e num processo continuado, nos propormos à tarefa gigantesca da criação, ou recriação, de um ambiente terapêutico quase-constante.

Pode-se assim, à luz de um conjunto de teorizações interrelacionáveis, organizarem-se os processos de apoio terapêutico a partir de uma estrutura que uma esquematização levaria a supor como a da figura 2.

É importante salientar que ela resulta de uma compreensão da psicopatologia do indivíduo autista a partir da definição comportamental do autismo, isto é, dos excessos ou ausências de competências comportamentais manifestas, e que são possíveis de verificar por observação directa.

Assim convém uma compreensão das diferentes etapas ou momentos de intervenção terapêutica, compreendendo-as melhor, se organizadas em sub-programas de intervenção que são conduzidos para orientar ou reorientar respostas de sistemas e sub-sistemas organizados, e que desenvolvimentalmente começam pelas competências de exploração do meio ambiente, seja ele físico ou social (comportamentos de relação) e pré-comunicacionais. Estes vêm por sua vez facilitar, e servir de "suporte" a outro vasto e inesgotável leque de acções que melhor podem ser enquadradas na noção de um "...olhar, ouvir e fazer" ou seja as coordenações audio-visuo-motoras. Em simultâneo é dada uma atenção permanente às competências de imitação, factores fulcrais no desenvolvimento sócio-cognitivo, e às competências de comunicação funcional.

Estão incluídos nesta acção terapêutica o controle de estereotipos e de excessos de comportamento, que a não serem diminuídos, (e é importante salientar que na maioria das vezes não poderão nunca sê-lo totalmente, por diversas razões que só um aprofundamento, por ora impossível, levaria a explicitar) não só prejudicam as aquisições específicas que tenho referido, como, se fortemente instalados no repertório do sujeito, conduzem a uma bem mais difícil adaptação e inserção social. Além destas acções terapêuticas especificamente orientadas, merecem igual cuidado a aquisição de competências de auto-suficiência, de competências pré-laborais e de manutenção de competências previamente adquiridas. Outras acções de natureza igualmente específica são conduzidas integradamente: educação física e educação musical. Qualquer delas, pela natureza dos efeitos e implicações, tem incidência em amplos aspectos do desenvolvimento global da pessoa autista, e quero em especial salientar, o contributo específico que trazem nos domínios da aquisição de competências de estruturação do espaço/tempo e da imitação, tornando-se meios essenciais e obrigatórios nas adaptações sociais e aprendizagens sócio-cognitivas.

Repare-se então que a sistematização de acções desta natureza, (e outras com objectivos de lazer e de fomento da interacção social), promove que, todo um processo simbólico-linguístico-emocional alterado (= "má" comunicação), se vá,

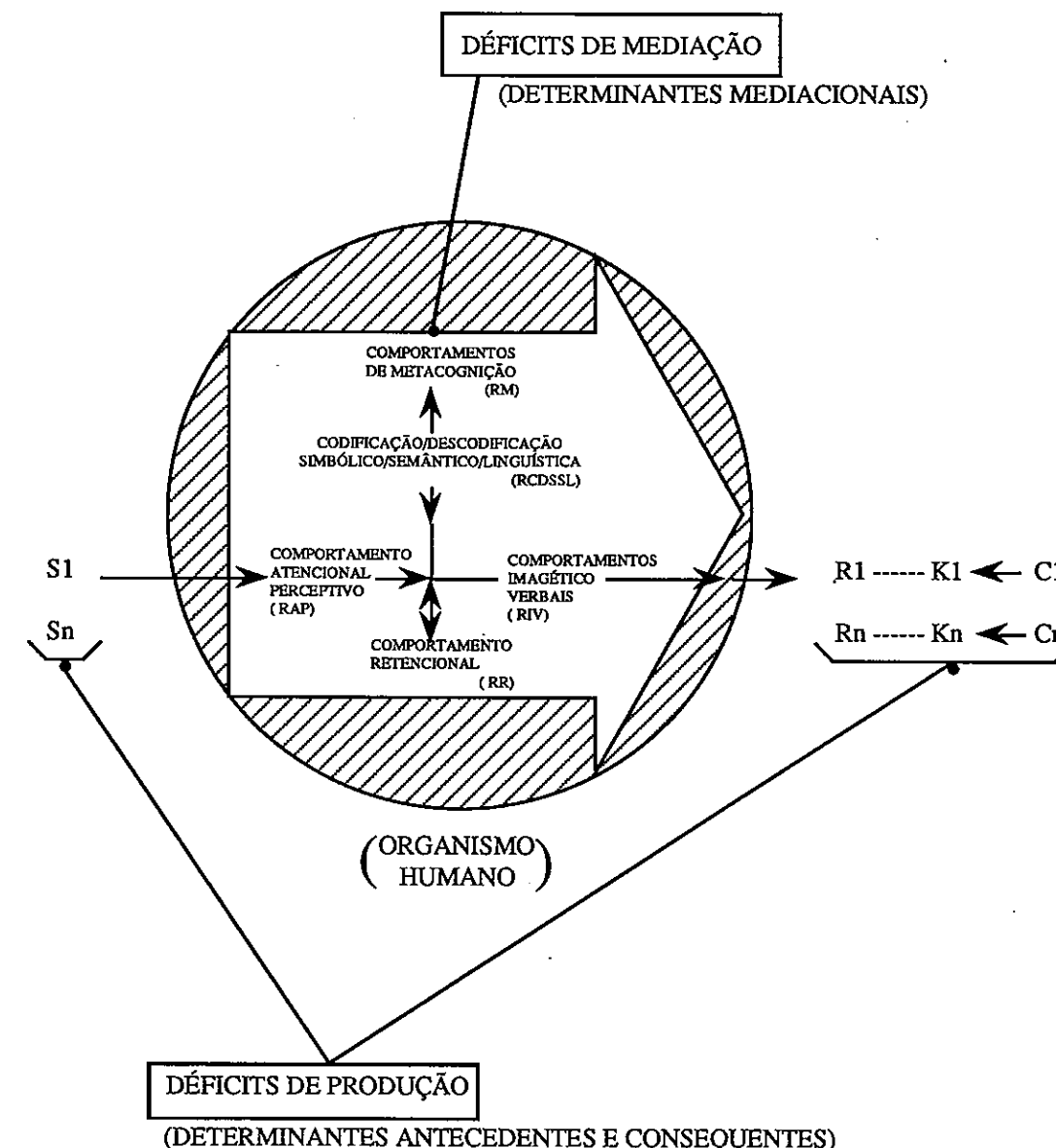


Figura 1 - Variáveis relacionadas com o comportamento

Legenda: S1, Sn - Estímulos que impingem sobre o organismo
 R1, Rn - Respostas abertas
 K1, Kn - Contingências dos comportamentos
 C1, Cn - Consequências dos comportamentos
 RAP - Respostas cobertas atencionais/perceptivas
 RIV - Respostas cobertas imagético/verbais
 RM - Respostas cobertas metacognitivas
 RCDSSL - Respostas cobertas simbólico/semântico/linguísticas
 RR - Respostas retencionais

paulatinamente, alterando e tornando-se mais funcional.

Isto implica, naturalmente, não só uma fantástica sistematização de variáveis (que só um corpo técnico disciplinado, interessado e conhecedor pode manipular), mas também um esforço de consciencialização das mesmas a ter presente, no sentido de melhor as definir e manipular. Este desafio implícito poderá ter resposta em actuações que tendam a criar ambientes facilitadores de estruturas de interrelação, ditas ortogénicas, a partir da referida sistematização, esforço de consciencialização e atitude terapêutica facilitadora.

Depois dos avanços que se fizeram no reconhecimento de que as pessoas autistas não sofriam, nem de uma privação psico-social, nem trauma relacional no sentido que inicialmente foi expresso, mas antes, manifestavam estes déficits específicos de mediação e de produção (e em particular na mediação, os déficits ligados à produção dos comportamentos atencionais-perceptivos, verbais-imagéticos e semânticos) os métodos de tratamento pré-existent, tiveram alterações marcantes, durante os anos 60 e 70. Diminuíram as tendências de adesão às terapêuticas psicológicas que provinham do

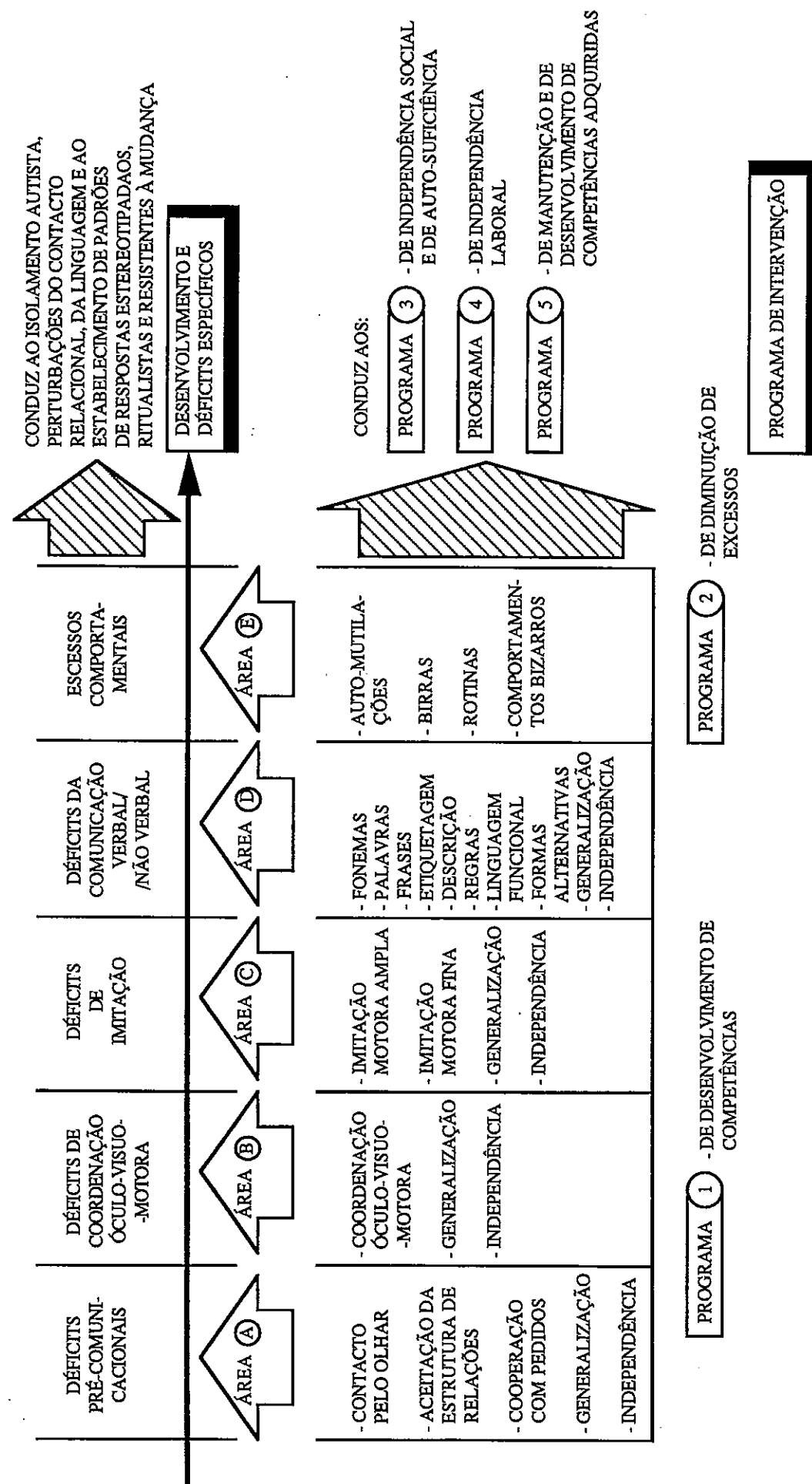


Figura 2 - Estrutura do Processo de Apoio

chamado "modelo médico", aumentando o estudo e aplicação das terapias que se reclamam educacionais e das comportamentais, "modelo psicológico".

Foi assim que nasceu o programa anteriormente proposto. Consolidado na perspectiva do comportamentalismo-analítico, entende-se aí o fenómeno psicológico, como sendo potencialmente passível de uma interpretação como fenómeno comportamental, e daí em directa ligação com os princípios da aprendizagem. A atenção é dada às relações funcionais e organizadas entre estimulações e respostas, quer cobertas, quer manifestas, e que se tornam num mesmo tempo estímulos e respostas para que outros comportamentos (novamente cobertos ou manifestos) aconteçam, numa rede de relações ad infinitum. (Implica, naturalmente, as bases biológicas da recepção, mediação e reprodução).

Trinta anos depois de Kanner, em 1983, a National Society for Autistic Children de Inglaterra, advogava as práticas comportamentais, especialmente as operantes, (ainda que, nessa época, apenas relativas aos comportamentos manifestos) como um meio útil de melhorar o comportamento das crianças, e quarenta e cinco anos depois, em 1988, a Autism Society of America, fazia também destacar que os programas que usavam métodos comportamentais tinham provado ser o tratamento mais eficaz.

É nesta fase que nos encontramos; Postula-se que por detrás, subtilmente enraizado em todo o processo que promovemos para facilitar uma melhor adaptação do indivíduo autista ao meio, estão também, e inevitavelmente, as aquisições de competências, através dum processo de ensino/aprendizagem, de construção dum "EU" como sistema organizado de respostas, porque é ganha, sentida e agida, a troca com o ambiente físico e/ou social, e as noções de influência e do seu controlo. Assim é demarcado o espaço de si próprio e do outro. Por isso este processo é tão importante, já que pretende ser sistemático e coerente.

Defende-se então que, pela sua função como modelo, o adulto que age terapêuticamente, guia a criança através do que é mais adaptado fazer-se para que mais provável e eficientemente obtenha reforços (estímulos elicitadores de reacções emocionais positivas), e a percepção que a criança faz disto, torna-se, como referi, um modo de diferenciação e de conhecimento de si e do outro, gerado a partir da estimulação cognitiva, afectivo-emocional e comportamental (aberta), de sentido mútuo, que sobre ela recai. Pouco se sabe ainda acerca da própria estimulação sobre "si mesmo", a nível coberto.

Qualquer forma de interacção mútua estabelece tal, ainda que eventualmente não nos apercebamos dela. Que seja ortogénica e especificamente determinada, para quem tanto necessita.

O esforço é enorme e exige respeito, dedicação e saber. É o que se tenta fazer.

TERAPIA COMPORTAMENTAL

Modelos teóricos e manuais terapêuticos

Óscar Gonçalves

Preço: 1250\$00 com portes incluídos, em cheque ou vale postal à ordem de Jornal de Psicologia
Pedidos: Edições Jornal de Psicologia, Apartado 4544, 4009 Porto, Codex.

REFERÊNCIAS

- Bandura, A. (1969). *Principles of behaviour modification*. New York: Holt, Rinehart, Winston.
- Bettelheim, B. (1967). *The empty fortress: Infantile autism and the birth of the self*. New York: Free Press.
- Boatmen, M. & Szurek (1960). A clinical study of childhood Schizophrenia. In D. Jackson (ed), *The Etiology of schizophrenia*. New York: Free Press.
- De Meyer, M. K., Pontius, W., et al. (1972). Parental practices and innate autism in normal, autistic and brain-damaged infants. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, 2, 49-66.
- Lovaas, I.O. (1969). Contrasting illness and behavioral models for the treatment of autistic children: a historical perspective. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 9, 4, 315-323.
- O'Gorman, G. (1970). *The nature of childhood autism* (Second edition). London: Butterworth.
- Ritvo, E.R. et al. (1976). *Autism*. London: Spectrum Publications, Inc..
- Rutter, M. & Howlin, P. (1987). *Treatment of autistic children*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Rutter, M., Tizard, J. et al. (1970). *Education, health and behavior*. London: Longman.

ABSTRACT

ANALYTICAL-BEHAVIORISM APPLIED TO EARLY INFANTILE AUTISM (KANNER'S SYNDROME)

It is briefly justified the historical development of concepts and therapeutics applied to Kanner's syndrome (early infantile autism). With the support of the last experimental work in therapeutic field it is briefly advanced the base of structured programs offered to autistic people.

The last goal is to make clear the revolution happened in relation to the main ideas that support human's behavior understanding, and, from there, its therapeutic focus, namely, the progressive attention to convert behaviours.

RÉSUMÉ

PERSPECTIVE COMPORTAMENTALE-ANALYTIQUE DANS LA THÉRAPIE DE L'AUTISME INFANTILE

Après avoir identifié les concepts et thérapeutiques qui sont historiquement liés au syndrome de Kanner, l'auteur se penche sur les dernières évolutions opérées dans le cadre thérapeutique qui sont à la base de la structuration des programmes de support aux personnes autistes. Il est, par ailleurs, enfilé la révolution opérée sur les axes du raisonnement qui servent à comprendre le comportement humain et son thérapeutique, notamment les comportements cachés.

A MOBILIDADE RESIDENCIAL E OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DELITUOSO

MIGUEL MARIA LOPEZ-COIRA(*)

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

Sutherland e Cressey (1978) mencionam uma série de estudos em que comparam grupos de delinquentes com não delinquentes, realizados em diferentes cidades norte-americanas, onde encontraram correlações significativas entre a mobilidade (migrações interiores) e a delinquência juvenil.

Estudos mais recentes relacionam características económicas, educacionais e demográficas (todas elas descritivas da população migrante ou móvel, precisamente por possuírem os níveis mais baixos nestas variáveis) com as condutas anti-sociais (Johnson, 1980; Boor, 1981; Heckel & Mandell, 1981).

Neste trabalho, e com o objectivo de abordar o problema numa perspectiva comparativa, estudou-se não só a procedência e a mobilidade residencial como os movimentos migratórios em dois grupos normativos da população: delinquentes numa prisão e um grupo de sujeitos seleccionados entre a população geral. Pretendeu-se estabelecer uma proporção de indivíduos de ambos os grupos que tivessem que adaptar os seus sistemas normativos de referência a um novo conjunto de normas e valores e também às consequências da referida adaptação.

INTRODUÇÃO: A CIDADE COMO ELEMENTO TRANSFORMADOR

O trabalho mais interessante realizado neste campo é sem dúvida o clássico *The Polish Peasant in Europe and America* de Thomas e Znaniecki (1920) que se tornou um pilar básico do paradigma ecológico (Garrido, 1984).

Antes de abordarmos a relação emigração-delito é preciso esclarecer alguns conceitos. Se Thomas e Znaniecki (1920) consideram que o migrante se encontrava num estado de desorientação por necessitar de um guia moral útil na cidade e desconhecer as implicações do contrato social urbano (modos de intercâmbio relacional, estrutura de mercados, modelos de trabalho, etc), tornou-se necessário aceitar a cidade como ponto de partida de um complexo cultural que o emigrante vai ter que enfrentar.

Os antropólogos estudaram habitualmente a cidade como elemento transformador das culturas tradicionais. As mudanças social, económica e cultural que se produziram nas comunidades rurais nos últimos anos devem-se, em grande parte e entre outras causas, à necessidade de modificar/estender as suas redes de mercado e as suas interacções económicas (ver os trabalhos de Galeski, 1979; Pearse, 1979; e os de Redfield &

Singer, 1979). O processo de mudança sócio-eco-nómica com novos sistemas de mercado, levou a uma transição cultural que, no passado, estava associada a um sistema de exploração tradicional, até à projecção, no futuro, em adoptar a moderna tecnologia de exploração minimizando riscos e maximizando rendimentos, mediante a tomada de decisões fomentadas por factores vicariantes e cognitivos (Lopez Coira, 1985).

Redfield e Singer (1979), num interessante artigo sobre a interdependência cultural entre o campo e a cidade, assinalam um "padrão secundário de urbanização" característico do núcleo urbano:

Este padrão secundário produz não só uma nova forma de vida urbana parcialmente em conflito com as culturas populares locais como também novos tipos sociais na cidade e no campo. Na cidade aparecem homens "marginais" e "cosmopolitas" e uma "inteligência"; no campo aparecem certos tipos de povos marginais: de enclaves, de minorias, transplantados (...) dependendo da classe de relação com o centro urbano (Redfield & Singer, 1979, p. 303).

Do mesmo modo que uma das consequências genéricas da urbanização secundária é a debilidade das culturas locais e tradicionais por estados mentais incongruentes com essas mesmas culturas (Cf., Redfield & Singer, 1979 e Lo, 1984, relativamente a desordens psiquiátricas provocadas pelo processo de urbanização), a integração rural-urbana não se caracteriza nem por uma consciência cultural básica nem por uma cultura comum, mas, sobretudo, por uma mutualidade de interesses e também pelas relações simbióticas existentes entre ambas as culturas (Park, 1952).

(*) Professor de Antropologia Social na Faculdade de Psicologia da Universidade Complutense de Madrid.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Dpto. Antropología Social. Facultad de Psicología (Somosaguas). Universidad Complutense de Madrid. 28023 Madrid. Espanha.

Tradução: João Guedes Barbosa

MUDANÇA SOCIAL E CONDUTA DESVIADA

A mudança social e a sua velocidade nos meios urbanos incidem fortemente nos diferentes grupos que os constituem:

Cada grupo deve enfrentar a perpetuidade das crenças e das práticas dos outros grupos. Prevaleram padrões duplos de moralidade porque cada grupo cultural terá tendência para um código para a sua "própria classe" e outro código para os "forasteiros". Este confronto simultâneo para dentro e para fora irá colocar em tensão ambos os códigos (Redfield & Singer, 1979, p. 320).

O conflito social, enquanto confronto de culturas locais, surge com toda a sua força, podendo proporcionar actividades delituosas manifestas.

Neste sentido, estamos de acordo com López Rey (1976) quando afirma que falta uma teoria da emigração e do delito. A proposta de Lee (1966) afirma que os emigrantes tendem a ser algo de intermédio entre as características da população originária e as da população de destino. Isto parece improvável. Os emigrantes não constituiriam um novo tipo nem uma amálgama sintetizadora e resultante de duas tradições diferenciadas. Em todo o caso, produzir-se-ia uma aculturação mais ou menos intensiva mas mantendo traços de identidade suficientemente fortes como para constituir uma subcultura local que convivesse com outras.

O tipo de sociedade, as mudanças sociais, a situação familiar, cultural ou sócio-económica do indivíduo farão com que a orientação perante o delito chegue a afectar as características individuais dos sujeitos (Perez, 1983; Lo, 1984). Queremos assim dizer que a maior parte dos fenómenos sociais relacionados com o delito suportam algum tipo de desajuste ou quebra subjacente:

Os conflitos familiares, divórcios, fracasso escolar, perda de emprego, emigração ou outra medida social (...) ou ainda outros aspectos de nível macro-económico superior (crise económica, conflitos raciais, etc), implicam um certo movimento ou mudança súbita de uma situação anteriormente organizada (Perez, 1983, pp 10 - 11).

Uma vez consumado o processo migratório, a situação previamente organizada e anterior à emigração, traduz-se numa drástica mudança em relação à estrutura social a que se refere. As grandes famílias nos bairros homogéneos (enquanto mecanismos de controle social quer formais quer informais) desintegram-se sendo substituídas por pequenas famílias com escassos contactos com o núcleo central e por pequenos bairros, habitualmente periféricos, onde os costumes não eram homogéneos.

Se nos lugares de origem as redes e relações sociais eram os órgãos de controlo social mediatizados por influências espontâneas, afectivas, de parentesco, etc., ao estender-se o padrão social de interacção, os comportamentos passaram a ser menos controláveis e mais difíceis de prever pela comunidade receptora que também era caracterizada, por outro lado, pela sua heterogeneidade cultural (Sutherland & Cressey, 1978).

A realização de alguns estudos, nos anos trinta, tentou explicar os efeitos directos da mobilidade num momento

sincrónico sem deixar de explicar o seu total significado, dado que o processo de mobilidade em relação à criminalidade deve ser estudado desde uma perspectiva diacrónica e atendendo ao impacto que produz em toda a sua amplitude (Kinberg, 1933. Para uma perspectiva diacrónica ver também Clinard & Abbot, 1973).

CRIMINALIDADE - MIGRAÇÃO

Sutherland e Cressey (1978) mencionam uma série de estudos realizados em diferentes cidades norte-americanas onde encontraram correlações significativas entre a mobilidade (migrações interiores) e a delinquência juvenil. Esta correlação surgia ao comparar grupos de delinquentes com grupos de não delinquentes.

Trabalhos como os de Reiss (1951); Glueck & Glueck (1950); McAllister et al. (1971); Reimanis (1974) e Buikhuisen & Timmerman (1970), estes últimos com população dinamarquesa, mostraram que se produziam níveis de delinquência mais baixos nos grupos com mobilidade menor.

Estudos mais recentes relacionam características económicas, educacionais e demográficas (todas elas descritivas da população migrante ou móvel, precisamente por possuírem níveis mais baixos nestas variáveis) com condutas anti-sociais (Boor, 1981; Johnson, 1980; Anolik, 1979; Heckel & Mandell, 1981; Glaser, 1979).

Em conclusão, todos estes estudos assinalam factores tais como a debilidade e/ou desintegração dos principais agentes de controlo social da comunidade local de origem, o individualismo como despersonalização e anonimato, a mobilidade crescente característica das sociedades desenvolvidas, a desorganização familiar como menos eficaz relativamente aos controlos informais, o *handicap* social e, finalmente, o conflito cultural como conflito de normas facilitadoras de padrões de condutas inadaptables que servem de catalizadores e facilitadores do fenómeno da delinquência.

Criminalidade - Migração em Espanha

Em Espanha, o binómio 'criminalidade - migração' precisa de algumas clarificações. Em primeiro lugar, há que distinguir entre emigração exterior e interior. Relativamente à primeira, Lopez Rey formula uma interessante tese sobre as circunstâncias e situações que favorecem o delito nos emigrantes nos países do estrangeiro:

A probabilidade de se produzir um resultado - neste caso delito - corresponde à proporção existente entre o número e o volume de circunstâncias que são favoráveis a este resultado e ao número total de circunstâncias potenciais (...), o número de circunstâncias favoráveis ao delito que rodeiam os trabalhadores emigrantes é maior que o número daquelas que rodeiam os nacionais. Isto quer dizer que, em alguns casos, o delito dos trabalhadores emigrantes pode considerar-se como um 'acidente' e o único meio de reduzir a sua contribuição em certas modalidades delituosas está em reduzir o número e o volume de circunstâncias circundantes que são favoráveis ao delito (López Rey, 1976, pp. 330-331).

Serrano (1969) aponta uma série de causas que travam

a prática de actos delituosos para o emigrante em países estrangeiros: o desconhecimento do idioma, economia/poupança intensa, desconhecimento e temor do sistema judicial do país receptor, horários laborais exaustivos, etc. Estas causas exercem barreiras ou controles de modo que a taxa delituosa do imigrante seja menor no seu próprio país.

No entanto, o conflito para os trabalhadores emigrantes começa no processo de adaptação às "novas normas" da população que os acolhe como força de trabalho. Por outro lado, é palpável a competência - quando não o confronto - entre os trabalhadores emigrantes e os trabalhadores locais, acabando os primeiros por serem relegados para postos de trabalho pouco desejáveis e não qualificados.

Segundo Barrenechea (1972, p.247),

não se prepara o emigrante para a vida no seu novo habitat e isto produz inadaptação com as consequentes alterações na base familiar e, como consequência, na conduta social dos jovens.

Noutro trabalho, Serrano e Fernández (1978) propõem que a emigração interior, a mudança de ambiente, de trabalho e a forma de vida levem ao cometimento de delitos que não se teriam cometido se se tivesse ficado na cidade ou comunidade natal. Os autores atribuem este aumento da conduta delinvente nos emigrantes, a causas tais como a inadaptação à forma de vida, à hostilidade da população receptora, à habitação inadequada, ao desejo de melhoria imediata, à possibilidade de rejeição por parte de terceiros quando, em caso de fracasso, voltarem à zona de origem, etc.

Mas o impacto mais forte produz-se na segunda geração, nos filhos dos emigrantes, dependendo por sua vez do facto de a mobilidade familiar residencial ter ocorrido antes, depois ou durante o nascimento dos filhos. A mudança de normas e de contexto social (rural - urbano) conduz a um menor controle sobre os filhos (se ambos os cônjuges trabalham), a uma afiliação destes a grupos alternativos (bandos pré-delinquentes), ao debilitamento da autoridade paterna, etc. Assim, a inadaptação dos movimentos migratórios interiores espanhóis, relativamente à criminalidade, é mais visível nos jovens que nos adultos (Serrano, 1969; Serrano e Fernández, 1978).

A comprovação estatística e/ou empírica pode obter-se através dos resultados a que chegaram algumas investigações sobre delinquentes em Espanha. Serrano (1971), utilizando estatísticas oficiais sobre a delinquência juvenil, obteve os seguintes resultados:

	N=250	N=500
Pai nascido na mesma cidade onde residia a família	43%	39%
Mãe nascida na mesma cidade onde residia a família	52%	49%
Filho delinvente nascido na mesma cidade onde se tornou delinvente	79%	61%

Os dados parecem indicar uma alta percentagem de pais imigrantes, sendo os filhos que nasceram na cidade de destino os mais propensos à prática de delitos.

Alvarez e Muñoz (1969), num estudo psicométrico da delinquência juvenil com duas amostras distintas, obtiveram resultados que indicam uma clara preponderância da procedência urbana nas duas amostras. A percentagem da população de procedência rural foi suficientemente elevada para que, segundo os autores, se confirme a hipótese de

que o fenómeno da emigração é, em si mesmo, causador de delito, posto que embora o delito se cometa em Madrid, os sujeitos procediam de zonas rurais (p. 107).

Os dados encontrados neste estudo foram os seguintes:

Procedência	N=208	N=106
Urbana	75%	70,8%
Rural	20%	29,2%
Sem informação	5%	---

Recentemente, López-Coira et al. (1985) estudaram a relação de diferentes variáveis sociais e biográficas numa amostra de 99 delinquentes masculinos com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos. Estes autores verificaram que 70% da amostra procedia de zonas urbanas com população superior a 50.000 habitantes, tendo-se produzido uma deslocação populacional de 10,6% dos núcleos de população com menos de 50.000 de habitantes até aos núcleos de maior efectivo. A mobilidade foi estabelecida em função dos anos de permanência na última residência dos sujeitos. 55,3% não haviam mudado de lugar de residência; 5,3% estiveram menos de 8 anos na última residência e os restantes 39,6% explicam-se como mobilidade residencial familiar tomando como base a idade dos sujeitos.

Os dados ocasionados pelas investigações acima referidas coincidem com o facto da procedência urbana dos delinquentes ser uma característica comum à maior parte deles (1).

PLANEAMENTO DO ESTUDO

Em todos os trabalhos acima referidos estuda-se o fenómeno migratório e a procedência rural/urbana mas apenas em populações com histórias delituosas. Com o objectivo de abordar o problema desde uma perspectiva comparativa, no presente trabalho, estudou-se tanto a procedência e a mobilidade residencial como os movimentos migratórios em dois grupos normativos da população: delinquentes em reclusão e um grupo de sujeitos seleccionados entre a população geral.

Objectivos

Pretende-se estudar o marco social de procedência (entendendo-se como tal o tipo de população donde provêm os sujeitos) assim como a proporção de sujeitos que mudaram de residência, e se esta tem uma categoria superior ou inferior relativamente ao efectivo populacional. Isto é, pretende-se estabelecer a proporção de indivíduos, em ambos os grupos, que

tiveram que adaptar os seus sistemas normativos de referência a um novo corpo de normas e valores.

Entendemos que esta 'adaptação' ou ampliação a um duplo padrão de moralidade produz-se de modo conflituoso naqueles sujeitos que, desde pequenos núcleos de população, mudaram-se para outros maiores tendo, deste modo, que enfrentar uma situação interna de desorganização sócio-cultural.

Procedimento geral

1. Elaborou-se um questionário de dados biográficos, sócio-económicos e culturais.
2. Aplicou-se o referido questionário, nos centros penitenciários de Carabanchel (jovens e adultos) e Ocaña II, a um total de 133 sujeitos com idades compreendidas entre os 16 e os 54 anos.
3. Analisaram-se as variáveis idade, nível sócio-económico e nível de estudos para se estabelecer a sua distribuição no grupo de reclusos.
4. Procedeu-se à localização de um grupo da população geral que reunisse os requisitos exigidos pela distribuição das variáveis assinaladas no ponto anterior.
5. Aplicou-se o questionário a um grupo da população geral composta por 58 sujeitos seleccionados no bairro madrilenho de Aluche.

Assim, ambos os grupos, delinquentes e população geral (G. D. e G. P. G. respectivamente), ficaram equiparados em variáveis de idade, sexo, nível sócio-económico e nível de estudos com o que, a existirem diferenças entre os grupos, não poderão ser atribuídas à influência das referidas variáveis.

Na análise de dados, utilizou-se um procedimento computarizado com o programa 4 do Package BMDP (Dixon, 1983).

Análise e comentário dos dados

Para avaliar o tipo de população de procedência dos sujeitos assim como o da residência actual, tomou-se como referência o tamanho do núcleo populacional segundo o número de habitantes. Os resultados podem ser vistos, respectivamente, nas tabelas I e II:

Habitantes	G.R. (%)	G.P.G. (%)	Total (%)
• Menos de 1.000	7,8	17,2	10,7
• De 1.000 a 10.000	11,6	17,2	13,4
• De 10.000 a 50.000	6,2	8,6	7,0
• De 50.000 a 100.000	3,9	6,9	4,8
• De 100.000 a 500.000	14,7	5,2	11,8
• Mais de 500.000	55,8	44,8	52,4
	100,0	100,0	100,0

Tabela I - Distribuição das percentagens dos sujeitos dos dois grupos segundo o número de habitantes dos seus locais de nascimento.

Habitantes	G.R. (%)	G.P.G. (%)	Total (%)
• Menos de 1.000	1,6	0,0	1,1
• De 1.000 a 10.000	4,7	3,4	4,3
• De 10.000 a 50.000	1,6	1,7	1,6
• De 50.000 a 100.000	4,7	1,7	3,7
• De 100.000 a 500.000	23,3	8,6	18,7
• Mais de 500.000	64,3	84,5	70,6
	100,0	100,0	100,0

Tabela II - Distribuição das percentagens dos sujeitos dos dois grupos segundo o número de habitantes da sua residência actual.

Observando-se as tabelas, é de assinalar a forte procedência urbana dos dois grupos, sendo esta tendência mais marcada no grupo de reclusos (55,8 % em relação a 44,8 % da população geral).

Por outro lado, para estabelecer a mobilidade migratória dos dois grupos tomou-se como unidade de análise a demarcação territorial, analisando-se se os sujeitos mudaram de província durante o processo migratório.

	G.D. (%)	G. P. G. (%)	Total (%)
Sem mudança	65,3	51,7	61,0
Com mudança	34,7	48,3	39,0
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela III - Distribuição das percentagens dos sujeitos dos dois grupos segundo o processo migratório provincial.

Na análise desta tabela verifica-se-se uma maior mobilidade migratória no G.P.G. relativamente ao G.D. (48,3% que mudou relativamente a 34,7% de delinquentes que também o fizeram). Isso mostra que grande parte dos sujeitos delinquentes (65,3%) desenvolveram a suas actividades quotidianas (incluindo, logicamente, as delituosas) num meio ambiental circunscrito ao território provincial. No grupo da população geral, a migração inter-provincial aparece mais equilibrada (51,7% que não mudaram relativamente a 43,3% que o fizeram).

Comparando os dois grupos, e utilizando o método estatístico do Qui Quadrado para verificar se existem diferenças significativas entre ambos, verificou-se que com um nível de erro de 7%, e tendo em conta o tamanho da amostra total, as diferenças entre as percentagens seriam significativas.

Tendo-se analisado o tipo de população de origem e o da residência actual assim como a mobilidade migratória de ambos os grupos, interessa-nos saber a relação existente entre estas variáveis. Queremos com isto dizer que, se se produzir uma mobilidade residencial com um consequente processo migratório e uma mudança do núcleo populacional (segundo o tamanho da população) da localidade de origem à da residência, deveríamos perguntar pela percentagem de sujeitos que emigraram até populações mais numerosas ou, pelo contrário, até

populações de menor efectivo populacional.

Para estabelecer estas mudanças de população atribuímos a cada tipo de população (tanto de origem como de residência actual) uma categoria de 1 a 6 (sendo 1 = menos de 1 000 habitantes e 6 = mais de 500 000 habitantes). Se subtraímos as categorias atribuídas à população de origem com as correspondentes categorias da população actual, saberemos a direcção que toma o processo migratório (até populações maiores ou mais pequenas). Podemos, assim, observar os resultados na tabela IV.

Em direcção a núcleos de > efectivo	G.Delinquentes	G.Pop.General	Total
6	0.0	0.0	0.0
5	4.0	15.5	7.6
4	5.6	19.0	9.8
3	5.6	36.3	6.9
2	4.0	5.2	4.3
1	7.1	3.4	6.0
Permanecem no mesmo núcleo	68.3	41.4	59.8
1	2.4	3.4	2.7
2	1.6	1.7	1.6
3	0.8	5.6	1.7
4	0.8	1.7	1.1
5	0.0	0.0	0.0
6	0.0	0.0	0.0
Em direcção a núcleos de < efectivo			
TOTAL	100.0	100.0	100.0

Tabela IV - Distribuição das percentagens dos sujeitos dos dois grupos segundo a mobilidade residencial e a direcção do processo migratório (em direcção a núcleos de maior ou menor efectivo).

Os dados da tabela confirmam as análises anteriores em que o G.P.G. teve uma maior mobilidade que o G.D. (58% que mudaram de tipo de população relativamente a 41,9% dos delinquentes que também mudaram).

Assim e por grupos, teríamos o seguinte:

	Em direcção a núcleos de > efectivo	Em direcção a núcleos de < efectivo	Permanecem no mesmo núcleo
G. D.	36,3%	5,6%	68,3%
G. P. D.	50,0%	8,5%	41,4%

Existe, assim, um processo migratório mais acentuado

nos sujeitos da população geral orientado para cidades maiores, enquanto que os delinquentes permanecem com uma maior frequência nas cidades em que vivem.

Enquanto que no processo migratório da amostra total, 59% permanece na mesma localidade, 37% emigrou para núcleos de população maiores e 6,5% fê-lo para núcleos mais pequenos.

Conclusões

À luz dos resultados obtidos, pode-se concluir que:

- O grupo de delinquentes mostra uma maior procedência urbana que os não-delinquentes (55,8% relativamente a 44,2%).
- O grupo de delinquentes teve uma menor mobilidade residencial e um menor processo migratório que o grupo da população geral (34,7% relativamente a 48,3%).
- O grupo de delinquentes mostra pouca mobilidade residencial relativamente a grandes núcleos populacionais (36,3%) enquanto permanecem com maior frequência em cidades onde nasceram (68,3). Pelo contrário, a metade dos sujeitos da população geral sofreu grandes mudanças residenciais até grandes cidades (50,0%), permanecendo na localidade em que nasceram somente 41,4%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados no presente trabalho concordam em escassa medida com os planeamentos teóricos prévios ao desenvolvimento do trabalho.

Segundo estes, a uma maior intensidade do processo migratório corresponderia uma maior grau de desorganização do sistema normativo de referência e uma maior necessidade de adaptação aos novos códigos morais urbanos por parte do emigrante, o que incidiria na frequência de comportamentos desviantes.

O nosso estudo acaba por referendar os dados obtidos noutros trabalhos com amostras de delinquentes espanhóis (ver Alvarez & Muñoz, 1969; Serrano, 1971; López Coira et al., 1985). No entanto, os resultados indicam que o processo migratório e a mobilidade residencial não se correlacionam positivamente com comportamentos delituosos, sendo, no entanto, variáveis que, em todo o caso, tenderiam a ter uma relação indirecta e não imediata ou causal com a delinquência.

Assim, o presente trabalho mostra outra visão do problema: o grupo da população geral aparece com um maior grau de migração enquanto que o grupo da população delinquente procede basicamente de núcleos urbanos em que tem permanecido sem mudar a sua residência.

Como explicar tudo isto? A amostra da população geral, seleccionada no bairro madrilenho de Aluche, caracteriza-se por ser uma zona de progressivo estabelecimento - nos últimos quinze, vinte anos - de imigrantes onde o índice de criminalidade é de tipo médio e onde a vigência de subculturas delinquentes é cada vez menor.

Pelo contrário, a amostra de delinquentes tem uma procedência urbana diversa (Madrid, Barcelona, Sevilha, etc.). O

facto de se permanecer nos núcleos urbanos de origem dá lugar a um maior contacto com a subcultura delinquente e, ainda, a todo um processo de socialização subcultural com o qual os sujeitos delinquentes permanecem em contacto participando do mesmo.

Assim, as variáveis demográficas estudadas viriam modeladas por outras que, interagindo com as primeiras, poderiam potenciar a eclosão de delitos. Tal pode ser o caso da relevância dada a área ou zona de recepção ou do novo enraizamento urbano do emigrante.

Se na área de recepção existe uma notável presença infra-estrutural da subcultura delinquente, a mencionada alteração do código moral de origem viria associada à aprendizagem de normas subculturais, num meio ecológico-social onde a diferença de oportunidades, os meios legítimos e os comportamentos desviantes são os elementos básicos da subcultura.

Isto leva-nos a considerar que as futuras investigações sobre estes temas, terão de ter em conta a variável 'meio ecológico' pois é nela que os sujeitos evoluem quotidianamente. Por isso, será preciso equiparar os grupos normativos na referida variável e, além disso, deverão ser extraídos de áreas com equivalente índice de criminalidade e com o mesmo grau de exposição à subcultura da delinquência.

Ao mesmo tempo, será necessário uma maior investigação que aprofunde os processos migratórios, não só de delinquentes e não-delinquentes mas também das famílias de ambos, incluindo-se ainda o processo de adaptação familiar ao meio urbano juntamente com as outras variáveis anteriormente citadas.

NOTAS

(1) A localização especial da criminalidade em Espanha indica um nítido aumento de actos delituosos nas grandes cidades relativamente a um considerável, mas menor, aumento nas áreas rurais.

Segundo um estudo sobre tendências de criminalidade na sociedade espanhola (C. I. S., 1980),

a taxa de delinquência urbana passou de 5,4% em 1975 para 13,3% em 1979, a que corresponde um aumento de 157%. A taxa rural, pelo contrário, passou de 2,7% para 5,0%, o que supõe um aumento de 85%. Esta evolução indica a tendência altista dos dois tipos de delinquência, com a ressalva de que a delinquência urbana segue um ritmo duplamente acelerado. Tudo isto parece indicar que quanto maior é o tamanho da cidade, maior é o volume da delinquência. Esta tendência observa-se especialmente em grandes áreas metropolitanas como Madrid e Barcelona. Estas duas cidades produzem uma criminalidade de cerca de 41% de toda a criminalidade

	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Contra pessoas	9828	4297	11605	4672	14090	4726	16949	9818
Contra honestidade	2967	1079	2822	1111	2974	862	2986	548
Contra a propriedade	147294	38865	189923	49524	238523	58601	318292	58201
	160089	44241	204350	55207	255587	64189	338224	68267

Fonte: Tendências de criminalidade na sociedade espanhola. C. I. S., 1980, págs. 57 e 58.

urbana (C. I. S., 1980, pág. 59).

Relativamente ao delito e ao tipo de zona, podemos observar a evolução no período de 1976 - 1979.

Segundo este quadro, podemos apreciar o perfil diferenciado na evolução da criminalidade nas zonas urbanas e nas zonas rurais. Enquanto que o tipo de delitos mais característico das zonas urbanas é dirigido contra a propriedade, nas zonas rurais é de destacar o forte incremento ocorrido entre 1978 e 1979 nos delitos contra as pessoas.

Comentando este notório aumento da delinquência em Espanha, Morenilla (1981) aponta uma série de factores sociais e que estarão na base da prática dos delitos: a crise económica que produz uma recessão industrial e uma grave situação de desemprego; a contínua emigração do campo para a cidade; a urbanização precipitada e insuficiente sem uma infra-estrutura que permita a participação do indivíduo com o seu contexto urbano e a degradação da paisagem urbana que vai rompendo a tradicional relação entre o vizinho e a cidade.

REFERÊNCIAS

- Alvarez Villar, A. & Muñoz de Cuenca, M. C. (1969). Estudio psicométrico de la delincuencia juvenil. *R.E.O.P.*, 18, 97-168.
- Anolik, S. A. (1979). Personality, family, educational, and criminological characteristics of bright delinquents. *Psychological Reports*, 44, 727-734.
- Barrenechea, L. M. (1972). *Delincuencia juvenil*. Madrid: Ministerio de la Gobernación, Ed. B. O. E..
- Boor, M. (1981). Relationship of 1977 state suicide rates to population increases and emigration. *Psychological Reports*, 49, 856-858.
- Buikhuisen, W. & Timmerman, H. (1970). Verhuizing en criminaliteit. *Nederlands Tijdschrift voor Criminologie*, 12, 34-39.
- Centro de Investigaciones Sociológicas (1980). *Tendencias de criminalidad en la sociedad española*. Agosto.
- Clinard, M. B. & Abbott, D. J. (1973). *Crime in developing countries*. New York: Wiley.
- Galeski, B. (1979). La organización social y el cambio social rural. In T. Shanin (ed.). *Campesinos y sociedades campesinas* (103-122). México: F. C. E.
- Garrido, V. (1984). *Delincuencia y sociedad*. Madrid: Ed. Mezquita.
- Glaser, D. (1979). Economic and sociocultural variables affecting rates of youth unemployment, delinquency and crime. *Youth and Society*, 11, 53-82.
- Glueck, S. & Glueck, E. (1950). *Unraveling juvenile delinquency*. Cambridge, Mass: Harvard Univ. Press.
- Heckel, R. V. & Mandell, E. (1981). A factor analytic study of the demographic characteristics of incarcerated male and female juvenile offenders. *Journal of Clinical Psychology*, 37, 426-429.

- Johnson, R. E. (1980). Social class and delinquent behavior. A new test. *Criminology*, 18, 86-93.
- Kinberg, O. (1933). On so-called vagrancy. *J. of Crim. Law and Criminol.*, 24, 552-583.
- Lee, E. S. (1966). Theory of migration. *Demography*, vol. III. Citado em M. López-rey Arrojo; *La Criminalidad*. Madrid: Tecnos.
- Lo, W. H. (1984). Urbanization and psychiatric disorders. The Hong Kong scene. In J. E. Mezzich and C. E. Berganza (eds.), *Culture & Psychopathology*. New York: Columbia Univ. Press.
- Lopez-Coira, M. M. (1985). El cambio tecnológico en una comunidad rural de la provincia de Madrid: Metodología de estudio. *I Jornadas de Antropología de Madrid*. Madrid.
- Lopez-Coira, M. M., Cano Vindel, A., Sancha Mata, V. & Miguel Tobal, J. J. (1985). Evaluación de factores sociales y biográficos en una muestra de la población reclusa. Primeros resultados del proyecto P. I. D. *I Jornadas Penitenciarias de Castilla-La Mancha*. Ciudad Real.
- Lopez-Rey, M. (1976). *La Criminalidad. Un estudio analítico*. Madrid: Edit. Tecnos.
- McAllister, E., Kaiser, E. J. & Butler, E. W. (1971). Residential mobility of blacks and whites: A national longitudinal survey. *Am. Jour. of Sociol.*, 77, 445-456.
- Morenilla, J. M. (1981). Tendencias del delito y estrategia para su prevención en España. *Cuadernos de Política Criminal*, 13, 49-80.
- Park, R. E. (1952). Symbiosis and socialization: a frame reference for the study of society. In R. E. Park, *Human Communities*. Glencoe: Free Press.
- Pearse, A. (1979). La metrópoli y el campesino: La expansión del complejo urbano-industrial y la cambiante estructura rural. In T. Shanin (ed.), *Campesinos y Sociedades Campesinas*. México: F.C.E.
- Perez Sanchez, J. (1983). *Variables de personalidad y delincuencia*. Tesis doctoral Univ. Autónoma de Barcelona. Facult. de Lletres. Dpt. de Psicología, Barcelona.
- Redfield, R. & Singer, M. B. (1979). La ciudad y el campo: La interdependencia cultural. In T. Shanin (ed.), *Campesinos y Sociedades Campesinas*. México: F.C.E.
- Reimanis, G. (1974). Anomie, crime, childhood memories and development of social interest. *J. of Individual Psychology*, 30, 1, 53-58.
- Reiss, A. J. (1951). The accuracy, efficiency and validity of a prediction instrument. *Am. Jour. of Sociol.*, 56, 552-561.
- Serrano Gomez, A. (1969). Criminalidad y movimientos migratorios. *Revista Española de la Opinión Pública*. Madrid: Julio-Septiembre, 19-54.
- Serrano Gomez, A. (1971). *Delincuencia juvenil en España. Estudio criminológico*. Madrid.
- Serrano, A. & Fernandez, J. L. (1978). *El delincuente español*. Madrid: Instituto de Criminología.
- Sutherland, E. H. & Cressey, D. R. (1978). *Criminology*. Lippincott, Philadelphia (10ª edic.).
- Thomas, W. & Znaniecki, F. (1920). *The Polish peasant in Europe and America*. New York: Knopf.

ABSTRACT

RESIDENTIAL MOBILITY AND MIGRATION
MOVEMENTS: THEIR INFLUENCES IN DELINQUENT
BEHAVIOR

Sutherland and Cressey (1978) mentioned a Northamerican cities, in which they found significative correlations between mobility (internal migrations) and young delinquency, or rather this correlation was produced by comparing delinquent and nondelinquent groups.

More actual studies relate economic, educational and demographic characteristics (all of them are descriptions of the emigrant, mobile population, precisely for having the lowest levels in these variables) with antisocial behaviours (Johnson, 1980; Boor, 1981; Heckel et Mandell, 1981).

In this work, in order to tackle the problem from a comparative perspective, we proceed to study both the origin and residential mobility, as well as migratory movements, in two normative groups of population: Imprisoned delinquents and a group of fellow selected among general population. The purpose of the authors was to establish the proportion of individuals from both groups which had to adapt their normative reference systems, to a new body of norms and values and also the consequences of such adaptation.

RÉSUMÉ

LA MOBILITÉ RÉSIDENTIELLE ET LES MOUVEMENTS
MIGRATEURS: SES INFLUENCES SUR LE
COMPORTEMENT DÉLINQUANT

Sutherland et Cressey (1978) mentionnent une série d'études réalisées dans différentes villes des EUA dans lesquelles ils trouvèrent des corrélations significatives entre mobilité (migrations intérieures) et délinquance juvénile; ou bien cette corrélation se produit en comparant des groupes de délinquants et non délinquants. Les études les plus récentes mettent en relation de caractéristiques économiques, éducatives et démographiques (toutes celles-ci décrivent la population émigrante ou mobile précisément parce qu'elle présente les niveaux le plus bas dans ses données variables) avec des conduites antisociales (Johnson, 1980; Boor, 1981; Heckel et Mandell, 1981).

Dans ce travail dont l'objectif était d'aborder le problème en partant d'une perspective comparative, nous avons procédé à une étude comprenant autant l'origine et la mobilité résidentielle, que les mouvements migratoires en deux groupes normatifs de population: délinquants incarcérés et un groupe de sujets sélectionnés parmi la population générale.

Nous prétendons établir la proportion d'individus de chaque groupe qui ont dû adapter leurs systèmes normatifs de référence, à un nouveau corps de normes et valeurs, et aussi les conséquences de cette adaptation.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- *Acta Psiquiátrica e Psicológica de América Latina*, Dezembro de 1989, vol. XXXV, nºs 3-4..
- *American Psychologist*, nº 5-7, vol. 45, Maio-Julho de 1990.
- *Análise Psicológica*, nº 1, serie VIII, Janeiro de 1990.
- *Apa Monitor*, nºs 5 e 6, vol. 21, Maio-Junho de 1990.
- *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. 42, Dezembro de 1989 - Fevereiro de 1990.
- *Educational and Psychological Interactions*, Junho/1990.
- *Guia del Psicologo*, nº 86, Agosto-Setembro de 1990.
- *Informació Psicològica*, nº 42, Junho 1990.
- *Le Journal des Psychologues*, nº 80, Set 1990.
- *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 5, nº 2, Maio-Agosto de 1989.
- *Recull Informatiu* - nº 28, Agosto/Setembro de 1990.

ESBOÇO PARA UMA COMPREENSÃO PSICODINÂMICA
DA ADOLESCÊNCIA

EDUARDO SÁ(*)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O autor aborda o triplo contexto - psicofisiológico, psicológico e social - em que sedimenta a adolescência, a caminho da aquisição da identidade. 1. Psicofisiológico, através da mielinização de algumas fibras do Sistema Nervoso Central, e da maturação hormonal; 2. Psicológico, quer ao nível cognitivo (de acordo com Piaget) quer num plano afectivo (com a ruptura dos esquemas defensivos do período de latência e a retomada das dimensões oral, anal e fálica do psiquismo); e 3. Social, com experiências ortopédicas nos grupos adolescenciais e, da parte do holding familiar, com tolerância selectiva às experiências do adolescente.

INTRODUÇÃO

A adolescência, pelas múltiplas transformações que desbloqueia nos planos psicológico e social, tem representado um campo imenso de investigação. Simultaneamente, porque faz emergir falhas estruturais do desenvolvimento, as múltiplas condutas-de-risco dos adolescentes têm sido interpretadas num plano estático de verdades psicopatologicamente duvidosas, que têm pouco a ver com a precidade das próprias verdades científicas (de que fala Matte-Blanco, 1981).

DIMENSÃO INTERACCIONAL

O desenvolvimento não se processa através de períodos estanques e rígidos, antes sendo o resultado de um minucioso continuum de integrações psíquicas de complexidade crescente. Nele, a adolescência deve ser compreendida e perspectivada no contexto do desenvolvimento psicológico global, quer nos seus aspectos normativos como nos desviantes.

As transformações psicofisiológicas adolescenciais não podem ser tomadas como a manifestação quase exclusiva da adolescência (e que, por isso, lhe conferem especificidade). Convém, antes de tudo, considerar o triplo contexto em que este período se sedimenta:

— psicofisiológico, onde a puberdade proporciona um incremento hormonal, transitório (nalguns casos) ou permanente (noutros);

— psicológico, com manifestações altamente fluidificantes do self a caminho da construção duma identidade;

— social, onde o grupo adolescencial e a família se destacam como *continentes ortopédicos* de afectos de sentido contrário resultantes dos processos anteriormente referidos.

Por outras palavras: a compreensão das alterações

psicofisiológicas observadas na adolescência ocorre dentro do âmbito, mais vasto, da anátomo-fisiologia humana. Nele, permitimo-nos destacar, a sua dimensão potencial: durante a vida intra-uterina, após algumas semanas

os neurónios são produzidos ao ritmo de 25.000 por minuto (A. Bourguignon, 1981),

sendo à nascença o número total de neurónios encefálicos, segundo Hubel (1979) e Stevens (1979), de 1011 interconectados em 1014 sinapses.

Esta imensa potencialidade que, antes de mais, é psicofisiológica, traduzir-se-á em capacidades de relação expressas pelo bebé. Nelas, e através delas, a envolvimento intervirá (pelo equilíbrio das estimulações centradas sobre o bebé) potenciando-as através dum processo epigenético, desencadeando uma estabilização selectiva do edifício sináptico (cf. Changeaux, 1983) e, com ela, estabelecendo uma matriz onde se "inscreverá" o desenvolvimento. Acerca dela podemos enfatizar o papel do meio (nele se destacando a mãe, grosso modo, na "atrofia" ou na potenciação dessas capacidades precoces), através dum processo a que Cosnier (1984) chamou Epigénese Interaccional.

O pensamento, terreno onde a fantasia fertiliza é, afinal, a expressão correspondente às próprias potencialidades psicofisiológicas humanas. Então, a adolescência, para além de ser, segundo Blos (citado por Dias Cordeiro (1982) o conjunto de transformações psicológicas de adaptação à puberdade, com ênfase, a este nível, na mielinização das fibras do sistema nervoso centra como o demonstraram Smirnov e Leontiev (cit. por Dias Cordeiro, 1982), ocorre num indivíduo dotado de pensamento, tendo, por isso, uma dimensão francamente subjectiva.

DIMENSÃO INTRA-PSÍQUICA

Podemos perspectivar o desenvolvimento do psiquismo humano, dum ponto de vista intra-individual, como uma dinâmica expansiva de membranas progressivamente mais complexas, selectivas e integrativas: após a contração exclusiva e mútua do bebé e da sua mãe, a introdução do terceiro na

(*) Assistente estagiário da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

A correspondência para este artigo deve ser enviada para: Eduardo Sá, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Rua do Colégio Novo, 3000 COIMBRA

relação, ao grupo de iguais (introduzido progressivamente em desempenhos mais generalizados a partir do período de latência) até à identidade.

De início, o bebé e a mãe existem encerrados num casulo imaginário, sendo as trocas entre ambos intensas e vitais para as duas estruturas psíquicas. O bebé centra-se exclusivamente sobre a mãe porque é dela que ele espera a transformação da sua angústia de morte (expressa pela fome ou pelo desconforto, por exemplo); ao responder pronta e empaticamente ao seu bebé, a mãe começa a proporcionar uma progressiva sedimentação interior de experiências agradáveis sobre as desagradáveis; isto é, a converter a morte em vida.

É na medida em que a presença da mãe se torna agradável para o bebé que a quebra dessa presença constante junto de si permite que ele inaugure a representação psíquica daquela, modo de a ter presente na sua ausência. Ou seja: a mãe deixa de estar fisicamente presente, mas o bebé guarda dela a sua imagem; cria-se assim, entre este e o objecto do seu amor, o espaço da representação e da fantasia: o pensamento.

O desenvolvimento do psiquismo prossegue na crescente complexidade resultante da sua extensão interaccional.

Nele, o complexo de Édipo, ao permitir à criança o acesso à curiosidade sexual, possibilita que a família, ao impedir a satisfação do seu desejo, lhe crie um espaço onde a energia psíquica daí desinvestida se desloque para a curiosidade escolar, com o consequente adormecimento pulsional.

Enquanto que as aquisições da marcha e da linguagem possibilitam a separação do bebé em relação à mãe, a escolaridade inaugura o papel do grupo de iguais como espaço de interacção, mas, segundo Amaral Dias (1986), ainda em presença da família. É, todavia, com a adolescência que ocorre a separação activa em relação àquela, rejeição activa dos objectos parentais, segundo Blos (1962), adquirindo o grupo adolescencial um desempenho preponderante na contenção das angústias e das idealizações do adolescente.

A função desintoxicante da mãe na recepção, transformação e devolução ao bebé das impressões sensoriais e experiências emocionais angustiantes em elementos pensáveis é, assim, na adolescência, preenchida pelos diversos e heterogêneos grupos que o adolescente frequenta.

Isto é a família proporciona ao adolescente ansiedades claustrofóbicas (Dias, 1986), e no espaço intermediário entre o papel da família e a capacidade de estar só (Winnicott, 1971), características da adultícia, o grupo desempenha uma função ortopédica no pensamento adolescencial.

A experiência dos grupos adolescenciais, pelas permanentes e diversificadas solicitações a que sujeitam o adolescente, enriquece de plastia o seu self. Em contra-partida, para Amaral Dias (1986), o adolescente pária ao fugir do grupo, foge de si, das suas partes más nele projectadas e contidas. Ainda, e já numa outra dimensão psicopatológica, a homogeneidade grupal, ao conferir pseudo-coesividade ao self-adolescente oferece-se como continente uniforme e rígido, projectando ela mesma para fora (para outros grupos) aquela parte de si (do self grupal) que não pode então ser tolerada.

SELF-CONTRASTE E IDENTIDADE

Sem que seja adulto, o adolescente encontra-se na encruzilhada de um duplo movimento de sentido contrário: de

avanço, a nível funcional, com a aquisição da função reprodutora e com aceleradas transformações somáticas e a nível cognitivo, com a introdução da dimensão hipotético-dedutiva nas operações psíquicas (Piaget & Inhelder, 1979) e de retrocesso reorganizador, sedimentando os afectos e questionando os objectos de relação.

A emergência pulsional, resultante do incremento hormonal da puberdade, faz com que o adormecimento das pulsões, característico do período de latência, se interrompa de forma brusca. Através dela, dá-se a ruptura dos esquemas defensivos, entretanto constituídos, e que permitiam manter uma coesividade funcional do self.

A expressão duma autonomia somática através da aquisição da capacidade para a reprodução, desencadeia um trabalho de sedimentação das vivências infantis em direcção à autonomia psíquica. Para o adolescente torna-se absoluto o desejo infantil de, quando crescer, querer ser como o pai. Pondo em questão os seus objectos de identificação, associa às emergências orais (na voracidade, por exemplo) e anais (através de eructações, flatos e coprolália) angústias relacionadas com as profundas alterações somáticas e funcionais da puberdade, e com as sequelas da regressão narcísica que desencadeiam - depressão, diminuição da auto-estima e inibição. As vivências de "despersonalização" desencadeiam uma ligeira liquefacção dos afectos, expressa em transições bruscas entre tonalidades afectivas de sentido contrário, em que o adolescente se experimenta *entre* as expectativas dos seus pais em relação a si e os seus projectos para vir a ser quem é.

Estão assim criadas as condições para que o adolescente, através dum processo de experimentação intensa de *segmentos de identidade*, rejeite activamente a família (e o Eu-auxiliar por ela representado ao longo do desenvolvimento) criando uma *pseudo-identidade transitiva*: o self-contraste. Por outras palavras: a adolescência desencadeia, em resultado dos movimentos imprimidos ao self pela emergência da puberdade, um afastamento activo em relação ao holding familiar, com a consequente rejeição das identidades infantis; à emergência de um estado caracterizado pela confusão de identidades, próximo de uma despersonalização normativa, sucedem:

- um self em contraste com as identidades infantis, que evoluirá para a identidade - se a relação precoce e a infância possibilitaram a integração de um sentimento de confiança básica (Erikson, 1969) como eixo do psiquismo - , e se se registar a facilitação desse movimento ortopédico na tolerância selectiva manifestada pela família (moratória psico-social de Erikson).

- ou a emergência de falhas estruturais no self, que as organizações defensivas da latência mantinham encobertas;
- ou uma confusão permanente de identidades, sustentada pelo imaginário, altamente descompensável, caracterizada por mecanismos defensivos de natureza narcísica.

Retomemos, entretanto, a adolescência nos seus movimentos normativos.

Se, com a dissociação estruturante obtida com o recalamento do conflito edipiano, a criança ascende à identificação (ao pai do próprio sexo) e ao grupo, com a adolescência o espaço intermediário entre a família e a capacidade de se separar dela (isto é, o espaço intermediário entre a identificação e a identidade), é preenchido pelo self-contraste é, então, um

espaço de sínteses cruzadas e intensas a partir do qual se dá a erupção da tonalidade-limite do comportamento adolescente, com o consequente predomínio da acção (densamente povoada de experiências socialmente transgressoras, resultantes da colocação em causa da autoridade parental) sobre o pensamento (com a sua forte componente depressiva), emergindo, como contra-peso, a idealização (que toma corpo no culto dos heróis). Então a imaginação experimenta a sua dimensão nas ilusões e nas utopias.

A pseudo-identidade transitiva (ou self-contraste) esbate-se progressivamente no decurso da adolescência e, com ela, a clivagem funcional que se traduz no antagonismo sistemático do adolescente para com o adulto. No entanto, no núcleo da identidade, tal contraste persistirá como uma espécie de "oposição essencial", razão pela qual o alvo dos conflitos e das aspirações duma geração sejam, na sua ausência, o oposto da que a antecedeu e da que lhe seguirá.

O processo de autonomia do adolescente a caminho de uma identidade - síntese propulsiva das identidades infantis no espaço transaccional - traduz-se pela separação em relação à família; isto é, a autonomia psíquica desbrava o caminho da autonomia física.

A cristalização da adultícia (adultus: crescido) releva, pela negativa, do provérbio alemão: "uma vez não conta, uma vez é nunca". Numa dimensão de saúde psíquica, o adulto é tão crescido (tomado aqui, não numa dimensão cristalizada mas propulsiva e inovadora) quanto o adolescente (de adoléscent: crescer) que ele foi, está vivo no núcleo da sua identidade.

CONCLUSÃO

A adolescência representa, assim, um período de transitividade psíquica (no sentido de Winnicott, 1971) entre o pleno psíquico, que se plastifica, e o estar-social. A moratória psico-social (de que fala Erikson, 1969) deve ser compreendida num plano onde as condutas-limite adolescenciais ganham, antes de mais, um significado normativo e maturante.

REFERÊNCIAS

- Blos, P. (1962). *On adolescence*. New York: Free Press of Glencoe.
- Bourguignon, A. (1981). Fondements neurobiologiques pour une théorie de la psychopathologie. *Psychiatrie de l'enfant*, 24, 2, 419-444.
- Changeaux, J. (1983). *L'homme neuronal*. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Cordeiro, J. C. (1982). *A saúde mental e a vida*. Lisboa: Moraes Editores.
- Cosnier, J. (1984). Observation directe des interactions précoces ou les bases de l'épigenèse interactionnelle. *Psychiatrie de*

l'Enfant, XXVII, 1.

- Dias, C. A. & Vicente, T. N. (1984). *A depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, C. A. (1986). *A identificação projectiva no desenvolvimento, na patologia e na relação terapêutica*. Lição de síntese apresentada às provas de agregação em psicanálise e psicopatologia infantil e juvenil da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra: F.P.C.E. - U.C..
- Erikson, E. (1969). *Identity youth and crisis*. Nova York: Norton and Company.
- Green, A. (1972). Notes sur les processus tertiaires. *Revue Française de Psychanalyse*, 36, 3.
- Hubel, D. (1979). Le cerveau. *Pour la Science*, 25, 12-22.
- Matte-Blanco, I. (1981). Reflexionando con Bion. *Rev. Chilena de Psicoan.*, 2, 8-44.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1979). *A psicologia da criança*. Lisboa: Moraes Editores.
- Stevens, C. (1979). Le neurone. *Pour la science*, 25, 24-36.
- Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. London: Tavistock Publications.

ABSTRACT

CONTRIBUTION FOR A PSYCHODYNAMIC COMPREHENSION OF ADOLESCENCE

The author analyses the adolescence in a psychophysiological, psychological and social point of view, considering that period as leading to the construction of identity.

1) Psychophysiological, including the partial maturation of the Central Nervous System; 2) Psychological, both at a cognitive stage (Piaget) and at an affective one (the defenses of the latency period fall down and there is a remake of the oral, anal and phallic dimensions of the psychism); 3) Social, with the orthopaedic experiences in the adolescent groups and, in what the familiar holding is concerned, a selective tolerance to the adolescent experiences.

RÉSUMÉ

ESQUISSE POUR UNE COMPREHENSION PSYCHODYNAMIQUE DE L'ADOLESCENCE

L'auteur fait d'une approche à la fois psychophysiological, psychologique et sociale de l'adolescence, une route vers l'acquisition de l'identité.

1) Psychophysiological, avec la myélinisation de quelques fibres du Système Nerveux Central et la maturation hormonale; 2) Psychologique, soit au niveau cognitif (d'après Piaget) soit dans un plan affectif (avec la rupture des systèmes défensifs de la période de latence et le refus des dimensions oral, anal et phalique du psychisme); 3) Social, avec des expériences orthopédiques dans les groupes d'adolescents et, en ce qui concerne le holding familial, une tolérance selective aux expériences de l'adolescent.

REVISTA UNIVERSITÁRIA DE PSICOLOGIA

Publicação da
Associação Nacional de Estudantes de Psicologia

À venda nas Associações de Estudantes

REUNIÕES CIENTÍFICAS

A PSICOLOGIA E AS CIÊNCIAS APLICADAS AO DESPORTO

O I Congresso Mundial de Ciências do Desporto, organizado pelo Comité Olímpico dos Estados Unidos e realizado em Colorado Springs (EUA), entre 28 de Outubro e 3 de Novembro de 1989, contou com a presença de mais de 600 especialistas provenientes de 47 países dos cinco continentes. Cerca de 60% dos participantes exerciam actividades de docência, ensino e/ou investigação, sendo os restantes 40% profissionais nos domínios da medicina, psicologia, fisioterapia e treino desportivo. De referir, também, a presença de membros dos Comités Olímpicos de vários países (nomeadamente dos EUA, URSS, Espanha, Suíça, Itália, Austrália, Canadá, Inglaterra, Grécia, Holanda, RFA, RDA, Turquia, Cuba, Noruega, Checoslováquia, França, Japão, Áustria, China, Dinamarca, Bulgária, Suécia, Hungria e Polónia) bem como de técnicos de várias modalidades dos diferentes países representados.

Programa Científico

O programa científico, de natureza interdisciplinar, incluiu apresentações em diferentes especialidades de quatro grupos de ciências do desporto: 1) Ciências Biológicas (Fisiologia, Bioquímica, Controlo Neuro-motor, Antropometria); 2) Ciências Médicas (Ortopedia, Medicina Clínica, Cardiologia, Reabilitação e Prevenção); 3) Ciências Físicas (Biomecânica, Biofísica, Engenharia, Tecnologia); 4) Ciências Psico-Sociais (Psicologia, Comportamento Motor e Sociologia).

Para além de 21 conferências apresentadas por outros tantos oradores convidados de diferentes países, o Congresso integrou, no total, mais de 200 apresentações distribuídas por sessões de comunicações livres e "posters".

A Psicologia no Contexto das Ciências do Desporto

Por se tratar da nossa área de especialidade, e do domínio que mais acompanhamos ao longo desta reunião científica, analisa-se seguidamente, de

forma mais detalhada, o programa apresentado no domínio da Psicologia Desportiva.

Na primeira conferência, Yuri Hanin, da União Soviética, analisou os contributos da psicologia aplicada ao desporto numa perspectiva internacional e transcultural. A aplicação da psicologia na promoção e melhoria do rendimento em atletas olímpicos; as técnicas, programas e instrumentos que se têm vindo a desenvolver; o alargamento da intervenção dos psicólogos junto dos treinadores, dirigentes, directores e outro "staff" de apoio aos atletas; a necessidade de integração em equipas multidisciplinares; e o aprofundamento das relações científicas e do intercâmbio de conhecimentos entre psicólogos dos diferentes países, foram os principais aspectos abordados por Yuri Hanin.

Numa outra conferência, Tara K. Scanlan, dos Estados Unidos, analisou a motivação nos jovens atletas e nos atletas de elite. Foi salientada a importância da percepção de competência pessoal e da experiência de satisfação e divertimento na competição desportiva. T. Scanlan apresentou os resultados de um projecto de investigação que evidenciou claramente os efeitos de tais factores motivacionais, na persistência, no esforço e no envolvimento contínuo e sistemático de jovens atletas e de atletas de elite na alta competição.

A abordagem psicológica ao desenvolvimento de talentos desportivos, constituiu o tema fundamental abordado na conferência proferida por John Salmela, do Canadá. Mais concretamente, este especialista sugeriu o uso de estratégias alternativas ao desenvolvimento de talentos, baseadas, por um lado, no recurso a métodos qualitativos de análise de dados (entrevistas estruturadas e análise de conteúdo) e, por outro lado, na adopção de um modelo desenvolvimental ao estudo do conhecimento e do sucesso desportivo.

Finalmente, Dieter Hackfort, da Alemanha Federal, abordou as emoções e o controlo emocional na competição desportiva. Mais especificamente, Hackfort analisou as funções positivas ou negativas das emoções na regulação da acção e do comportamento em situa-

ções competitivas. A análise dos custos e benefícios de diferentes emoções, serviu de ponto de partida para a sugestão de alguns métodos e técnicas de regulação e controlo emocional em situações pré-competitivas e competitivas.

Numa das sessões temáticas realizadas foram apresentados dados relativos à eficácia dos programas de controlo do "stress" na redução de lesões e na melhoria do rendimento (atletas de natação e "football"); a importância dos factores psicossociais no diagnóstico e reabilitação de lesões (voleibol); a análise de factores psicológicos associados à dor e às lesões (alpinismo); e a elevada prevalência de desordens de alimentação entre atletas universitários.

Uma outra sessão temática foi destinada à análise do "fim da carreira" e do abandono da competição nos atletas de elite. A importância da ajuda aos atletas na fase terminal da carreira desportiva e o papel da consulta psicológica vocacional na fase de transição para uma nova carreira, foram consideradas um importante desafio para a intervenção psicológica junto dos atletas de elite.

Numa outra sessão temática foi apresentada abordagem psicofisiológica ao estudo da concentração (através da análise das "ondas" cerebrais) e a eficácia do treino de "biofeedback" na melhoria do rendimento de atletas olímpicos de tiro com arco. Um outro estudo, recorrendo também a técnicas de "biofeedback", sugeriu os efeitos positivos da manipulação das estratégias de processamento da informação e dos estados da consciência, tendo em vista a obtenção de rendimentos máximos. Uma outra investigação, que envolveu a selecção nacional de futebol dos EUA, comprovou os efeitos negativos do "jet lag", sobretudo pelo aumento dos níveis de fadiga e confusão e pela diminuição dos níveis de vigor psicológico.

Finalmente, outras apresentações abordaram os seguintes temas: características e competências psicológicas dos atletas de elite; processos e estratégias psicológicas no treino desportivo; efeitos do "stress" e da ansiedade no rendimento competitivo; motivação no desporto de alto rendimento; efeitos

psicológicos da sobrecarga de treino em atletas de elite; abandono da competição desportiva; e preparação psicológica para a competição.

Na globalidade, as apresentações efectuadas no domínio da psicologia desportiva, permitiram identificar problemas, necessidades, prioridades e princípios orientadores para a intervenção e investigação psicológica em contextos desportivos:

1) Relativamente à intervenção psicológica, de salientar a crescente necessidade, utilidade e recurso à participação de especialistas de psicologia do desporto, no estudo e na intervenção junto de atletas de alta competição em geral, e dos atletas de elite, em particular. A este nível é de salientar a presença e o trabalho que os psicólogos desportivos das principais "competências" do desporto mundial (EUA, Canadá, Austrália, RFA, RDA, URSS, Holanda, Inglaterra, China, Dinamarca, etc.), têm vindo a desenvolver junto das respectivas equipas nacionais, nas mais diferentes modalidades. O contributo de psicólogos, lado a lado com outros especialistas das ciências do desporto, para além de ser cada vez mais valorizado, começa também a ser assumido como indispensável e necessário.

2) Ao nível da investigação, foi claro o papel decisivo dos factores psicológicos na prestação e no rendimento em competições de alto nível: O interesse crescente pela investigação do peso e impacto que factores como o stress e ansiedade, a motivação, a concentração e a auto-confiança, desempenham no rendimento dos atletas foi evidente. Paralelamente, foi, também clara a ênfase, cada vez maior, no estudo e investigação dos efeitos psicológicos da sobrecarga de treino, particularmente nos atletas de elite.

3) Finalmente, o estudo e aplicação de preparação psicológica para a competição, adaptados às diferentes modalidades, parece ter atingido, definitivamente, um estatuto de prioridade, sobretudo junto dos atletas e equipas que participam nas principais competições internacionais. A este nível, o exemplo do trabalho dos cerca de 50 consultores de psicologia desportiva do Comité Olímpico dos EUA, pareceu-nos particularmente exemplar.

Uma última referência para a participação portuguesa (em termos de autores de comunicações e participantes), que se limitou à presença de José Fernando Cruz (Universidade do Minho), que apresentou dois trabalhos (em co-autoria com Miguel Viana, Paula Lourenço e Cristina Marques): 1) Competências Psicológicas de atletas de elite portugueses; 2) Pressupostos psicológicos do treino desportivo.

No âmbito das actividades do Congresso, os participantes tiveram ainda oportunidade de visitar o Centro de Treino Olímpico dos Estados Unidos, em Colorado Springs, onde contactaram de perto com os Departamentos e com os Programas de Ciências do Desporto, em curso no referido centro.

José F. Cruz

CONSTRUCTIVISM IN PSYCHOTHERAPY

Decorreu entre 18 e 20 de Maio o 1º Congresso subordinado ao tema "Constructivism in Psychotherapy" e que teve lugar em Memphis (E.U.A.). Este congresso, organizado por Robert A. Neimeyer (Memphis State University) e Michael J. Mahoney (na altura

pertencente à Universidade da Califórnia em Santa Barbara e agora à North Texas University), teve a particularidade de a grande maioria das sessões serem não-simultâneas ao mesmo tempo que o almoço era em conjunto com todos os congressistas. Este esquema utilizado permitiu criar uma maior informalidade entre os congressistas com inevitáveis lucros para um maior e melhor intercâmbio de experiências e ideias. O reduzido, mas esperado, número de congressistas (cerca de 60) deveu-se à especificidade de tema. No entanto, era possível encontrar, além dos americanos que constituíam naturalmente a grande maioria, alguns congressistas estrangeiros, nomeadamente da Europa, e de renome internacional como Mario Reda (Itália) e Mayte Miró (Espanha). Entre os americanos há a destacar as presenças de George Howard, Robert Kegan, Michael Mahoney e dos irmãos Neimeyer, entre outros. Os portugueses também não deixaram de estar presentes com comunicações de Óscar F. Gonçalves, João G. Barbosa e Paulo Machado.

Embora sendo o tema bastante específico, tal facto não foi por si só suficiente para evitar o aparecimento de dois blocos bem diferenciados. Por um lado, os seguidores de uma perspectiva mais Kellyana (e.g., Greg e Robert Neimeyer) e, por outro lado, os apoiantes de perspectivas mais desenvolvimentais (e.g., Mahoney, Kegan). Esta diferenciação, que possibilitou aumentar o entusiasmo além de proporcionar troca de ideias numa perspectiva bem salutar, permitiu abrir também perspectivas para a realização de novos encontros no domínio do Construtivismo na Psicoterapia, quem sabe da próxima vez bem mais perto de nós...

João G. Barbosa e Óscar Gonçalves

VÁRIA

A ASSOCIATION POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE

A Association pour la Recherche Interculturelle (ARIC) tem por princi-

pal objectivo a promoção da investigação intercultural favorecendo a sua dinamização e a troca de informação através da publicação do "Bulletin de l'ARIC", estando nos seus planos futuros a edição de uma revista de carácter científico.

A ARIC tem organizado igualmente vários congressos o primeiro em 1986 que teve lugar em Sévres, a que se seguiu, no ano seguinte um outro em Friburgo, tendo o último decorrido em 1989 no Quebec. De todos eles, foram publicadas actas, uma colecção denomi-

nada "Espaces Inter culturels".

Originária da França, a associação contava em finais do ano passado cerca de 400 membros provenientes de 35 países o que testemunha bem o seu carácter intercultural, e também interdisciplinar já que todas as ciências sociais e humanas convergem no pano de fundo que espelha a altruidade das várias sociedades humanas.

Os interessados em fazer parte da ARIC poderão solicitar informações para ARIC, 42 rue Gay Lussac F-75005 Paris França, ou através do respectivo membro correspondente em Portugal, Prof. Félix Neto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua das Taipas, 76, 4000 PORTO.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL

A Associação Portuguesa de Investigação Social - APIS, criada em Janeiro de 1990 por um grupo de Assistentes Sociais, tem como finalidade promover a investigação, estudo e formação profissional em Serviço Social, bem como a interligação com outras áreas das Ciências Sociais. Assim, pretende

levar a cabo os seguintes objectivos:

- Promover a colaboração e solidariedade entre o seus associados.
- Estimular a investigação, estudo e formação profissional em Serviço Social.

- Promover o intercâmbio com outras áreas do conhecimento científico.

- Acompanhar o desenvolvimento do serviço social em Portugal, o estudo comparado desta área com a de outros países, bem como das actividades das organizações nacionais e estrangeiras.

No quadro das actividades que pretende desenvolver junto dos seus associados, são de salientar os seguintes aspectos:

- Realizar trabalhos e estudos de análise e investigação científica através da criação de um Gabinete de Estudo.

- Criar Serviços próprios de documentação e publicação.

- Publicar uma revista periódica de Serviço Social.

- Estabelecer e desenvolver relação com entidades congêneres, nacionais e estrangeiras que prossigam fins análogos aos da A.P.I.S.

- Realizar congressos, conferências, sessões científicas, simpósios, ou

outras reuniões nacionais ou internacionais.

- Atribuir prémios, bolsas de estudo, apoio técnico-científico ou através de qualquer outro meio.

A Associação Portuguesa de Investigação Social, pretende assim ser um espaço possibilitador da reflexão contínua para a intervenção social pelo questionamento e fazer científico não criando blocos estanques de saber nas diferentes áreas que congrega, mas partilhá-las por forma a um melhor conhecimento e a uma mais eficiente resolução de problemas.

Como 1ª iniciativa e no contexto acabado de enunciar a APIS organizou uma conferência subordinada ao tema "A investigação e o Desenvolvimento", tendo como oradores os Doutores António Manuel Figueiredo, Professor Auxiliar convidado da Faculdade de Economia do Porto e Consultor da Comissão da Coordenação da Região Norte, e Augusto Santos Silva, Assistente da Faculdade de Economia do Porto.

Qualquer informação ou contacto suplementar pode ser obtido através do seguinte endereço: Associação Portuguesa de Investigação Social, A.P.I.S., Rua de Sá da Bandeira, 331, 4º - sala 47.

ESCLARECIMENTO

Os habituais leitores e assinantes desta publicação estranharão decerto o tardio aparecimento deste número 3/90 mas, e ainda que "desculpas não paguem dívidas" temos o dever e obrigação de vos dizer o porquê de tais atrasos. Alguns são de ordem pessoal e outros de carácter mais conjuntural. Assim, por um lado, demasiada sobrecarga profissional dos elementos da Redacção e, em especial, do próprio Director é, porventura, a principal razão. Por outro lado, condicionantes de ordem administrativa e financeira terão igualmente inviabilizado uma saída mais atempada.

Mais do que carpir aqui mágoas, convém sobretudo falar do futuro e eliminar dúvidas. Assim, os cinco números previstos para 1990 sairão a lume ainda que, provavelmente, o quinto número saia já em 1991. Portanto, não haverá qualquer falha no plano editorial e o que queremos é, dentro do possível, recuperar o tempo perdido sem contudo recorrer a números duplos que, de alguma forma, defraudem o espírito segundo o qual o Jornal de Psicologia foi concebido.

Vamos pois, para a frente, e em breve daremos notícias do evoluir da publicação para o próximo ano e perspectivas para os anos vindouros.

As nossas desculpas, mais uma vez e obrigado por continuarem a acreditar. Porque nós também continuamos.

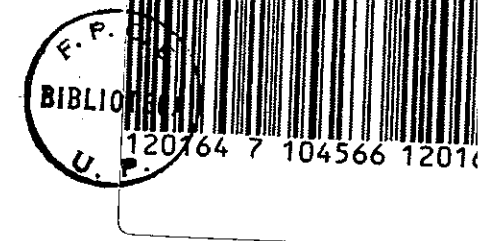
Um abraço do

JORNAL DE PSICOLOGIA

CONGRESSO INTERNACIONAL STRESS, ANSIEDADE E DESORDENS EMOCIONAIS

1-3 de Julho, 1991

Universidade do Minho, Braga



CONVIDADOS

Para além dos melhores especialistas nacionais, os seguintes especialistas estrangeiros já confirmaram a sua presença.

CONFERENCISTAS PRINCIPAIS

Albert BANDURA, Stanford Univ., Stanford, USA
David H. BARLOW, State Univ. of New York, Albany, USA
David M. CLARK, Univ. of Oxford, England
Martin V. COVINGTON, Univ. of California, Berkeley, USA
Albert ELLIS, Institute for Rational-Emotive Therapy, New York, USA
Michael W. EYSENCK, Univ. of London, England
Philip C. KENDALL, Temple Univ., Philadelphia, USA
Richard S. LAZARUS, Univ. of California, Berkeley, USA
Lennart LEVI, Karolinska Institut, Stockholm, Sweden
Stanley J. RACHMAN, Univ. of British Columbia, Canada
Irwin G. SARASON, Univ. of Washington, Seattle, USA
Charles D. SPIELBERGER, Univ. of South Florida, USA

OUTROS CONFERENCISTAS

Michael J. APTER, Purdue Univ., USA
Artur ARMADIO, Univ. Autònoma de Barcelona, Spain
Stephen M. AUERBACH, Virginia Commonwealth Univ., USA
Ofra AYALON, Univ. of Haifa, Israel
Donald H. BAUCOM, Univ. of North Carolina, Chapel Hill, USA
Chris R. BREWIN, Medical Research Council, London, England
Gillian BUTLER, Univ. of Oxford, England
Charles S. CARVER, Univ. of Miami, USA
Bruce E. COMPAS, Univ. of Vermont, USA
Cary L. COOPER, Univ. of Manchester, England
Jerry L. DEFENBACHER, Colorado State Univ., USA
Paul M. EMMELKAMP, Univ. of Groningen, The Netherlands
Norman S. ENDLER, Univ. of York, Canada
Seymour EPSTEIN, Univ. of Massachusetts, Amherst, USA
George EVERLY Jr., Loyola College, Maryland, USA
Fred E. FIEDLER, Univ. of Washington, Seattle, USA
Frank FINCHAM, Univ. of Illinois at Urbana-Champaign, USA
Ian H. GOTTLIB, Univ. of Western Ontario, Canada
Jeffrey A. HARDY, Univ. of London, England
Lew HARDY, Univ. College of North Wales, England
Andreas HALMKE, Max-Planck Institute, West Germany
Howard B. KAPLAN, Texas A & M Univ., USA
Gerry KENT, Univ. of Sheffield, England
Larry K. MICHELSON, The Pennsylvania State Univ., USA
Barbara R. SARASON, Univ. of Washington, Seattle, USA
Zahava SOLOMON, Telaviv Univ., Israel
Andrew STEPTOE, Univ. of London, England
Arthur A. STONE, State Univ. of New York, Stony Brook, USA
Jan STRELAU, Univ. of Warsaw, Poland
Samuel M. TURNER, Univ. of Pittsburgh, USA
W. M. VERHOEVEN, Lehigh Univ., Pennsylvania, USA
Richard L. WOOLFOLK, Rutgers Univ., New Jersey, USA

TEMAS E TÓPICOS PRINCIPAIS

Apresentações sobre perspectivas psicológicas, médicas, biológicas e sociológicas no estudo e análise do stress, da ansiedade, e das desordens emocionais (depressão, fobias, pânico, desordens obsessivo-compulsivas, desordens de stress pós-traumático, esgotamento e exaustão, desânimo, solidão, etc.) e em diferentes populações e situações (p. ex: doenças cardiovasculares e terminais, SIDA, deficiência, droga, crime, rapto e abuso sexual, tortura, guerra, violência e terrorismo, etc.). As contribuições a apresentar abordarão, entre outros, os seguintes aspectos do stress, da ansiedade e das desordens emocionais: a) Teoria, conceptualização e natureza; b) Epidemiologia, etiologia e diagnóstico; c) Desenvolvimento e consequências; d) Avaliação e metodologia da investigação; e) Prevenção e tratamento; f) Implicações clínicas, terapêuticas, educacionais e sociais.

ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

Entre outras, será dada particular atenção às seguintes abordagens e/ou perspectivas:

1) Psicológica; 2) Médica; 3) Biológica; e 4) Sociológica.

DOMÍNIOS E CONTEXTOS DE APLICAÇÃO

Stress, ansiedade e desordens emocionais, 1) Em contextos médicos e clínicos; 2) Em contextos escolares e educacionais; 3) Nas relações sociais e interpessoais (conjugal e sexual); 4) No desporto e na competição; 5) No trabalho e nas organizações; 6) Em contextos militares e prisionais; e 7) Em situações de desastre e catástrofe.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS:

Congresso Internacional - Stress, Ansiedade e Desordens Emocionais, Ao c/ Dr. José Fernando A. Cruz, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Laboratório de Psicologia, Rua Abade da Loureira, 4700 Braga, Portugal.

CALENDÁRIO

NACIONAL

- II SEMINÁRIO "ACÇÃO EDUCATIVA: ANÁLISE PSICO-SOCIAL. Escola Superior de Educação de Leiria, 7-9 de Fevereiro de 1991. - Informações: Comissão Organizadora, Rua Dr. João Soares, Porto Moniz, 2400 LEIRIA.
- IV CONGRESSO DE PSIQUIATRIA S. JOÃO DE DEUS. Lisboa, 7-9 de Fevereiro de 1991, Universidade Católica Portuguesa. - Informações: Secretariado do IV Congresso de Psiquiatria S. João de Deus, Casa de Saúde do Telhal, 2725 MEM-MARTINS.
- CONFERÊNCIA NACIONAL "NOVOS RUMOS PARA O ENSINO TECNOLÓGICO E PROFISSIONAL". Matosinhos, Centro de Congressos da Exponor, 20-23 de Fevereiro de 1991. - Informações: Av. da Boavista, 1311-5º, 4000 PORTO.
- STRESS, ANSIEDADE E DESORDENS EMOCIONAIS. Braga, Universidade do Minho, 1-3 de Julho de 1991. - Informações: Dr. José Fernando A. Cruz, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Laboratório de Psicologia, Rua Abade da Loureira, 4700 BRAGA.
- XIV COLLOQUIUM ISPA "SCHOOL PSYCHOLOGY AND HUMAN DEVELOPMENT". Portugal, Braga, 24-28 de Julho de 1991. - Informações: APPORT, Apartado 392, 4703 BRAGA Codex.
- 22ND CONGRESS OF THE EUROPEAN ASSOCIATION OF BEHAVIOR THERAPY. Coimbra, 9-12 de Setembro de 1992. - Informações: APTC, Apartado 9001, 3049 COIMBRA Codex.

INTERNACIONAL

- THE EVOLUTION OF PSYCHOTHERAPY: FUTURE TRENDS. Anaheim (Califórnia), 12-16 de Dezembro de 1990. - Informações: The Milton H. Erickson Foundation, 3606 N. 24th Street, Phoenix, Arizona, 85016, USA.
- I CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA CONDUCTAL. Jaen, 1-5 de Abril de 1991. - Informações: Asociacion Espanolade Psicologia Conductal, Facultad de Humanidades, Campus Universitario de Jaén, 23071 Jaén, ESPANHA.
- II CONGRESSO DAS ASSOCIAÇÕES DE TERAPIA E MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO DOS PAÍSES DE LÍNGUAS LATINAS "LATINIDIES". Sitges, Barcelona, 2-4 de Maio de 1991. - Informações: Secretaria do II Congresso Internacional "Latini Dies", C & C Convenciones y Servicios, Ronda General Mitre, 179-181, 08023 BRACELONA.
- THIRD INTERNATIONAL CONGRESS ON SOMATITHERAPY "THE BODY: THE MISSING LINK IN THERAPY". Strasbourg, 9-11 de Maio de 1991. - Informações: 3rd International Congress on Somatotherapy, Dr. Richard Meyer, 20, Place des Halles, 6700 Strasbourg, FRANCE.
- CREATIVES, CONDITIONS, PROCESSUS, IMPACTS. 9E FORUM DES PSYCHOLOGUES. Nice, 20-22 de Junho de 1991. - Informações: Journal des Psychologues, 61 rue Marx-Dormoy, 13004, MARSEILLE.
- 11th BIENNIAL MEETINGS OF ISSBD. Minneapolis, Minnesota, USA, 3-7 de Julho de 1991. - Informações: Richard Lerner 101 Myra Dock House, Penn State University. University Park PA, 16802, USA.
- 23rd INTERAMERICAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY. SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 7-12 de Julho de 1991. Informações: Ana Isabel Alvarez, P.O. Box 23174 UPR Station, Rio Piedras, Puerto Rico 00931-3174.
- 2ND EUROPEAN CONGRESS OF PSYCHOLOGY. Budapest, 8-12 de Julho de 1991. - Informações: Secretariado do 2nd Congress of Psychology, H-1378 Pf.4, Budapest, Izabell u.46, HUNGRIA.
- ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. San Francisco, California, USA, 16-20 de Julho de 1991. - Informações: American Psychological Association, 1200 Seventeenth Street N.W., Washington DC 20036, USA.
- XIV COLLOQUIUM ISPA "SCHOOL PSYCHOLOGY AND HUMAN DEVELOPMENT". Portugal, Braga, 24-28 de Julho de 1991. - Informações: APPORT, Apartado 392, 4703 BRAGA Codex.
- 49TH ANNUAL CONVENTION OF THE INTERNATIONAL COUNCIL OF PSYCHOLOGISTS. San Francisco, California, USA, 11-15 de Agosto de 1991. - Informações: Secretariat, 4805 Regent St., Madison, Wisconsin 53705, USA.
- 4th EUROPEAN CONFERENCE FOR RESEARCH ON LEARNING AND INSTRUCTION. Turku, Finlândia, 24-28 de Agosto de 1991. - Informações: Prof. Erno Lehtiner, 4th EALI Conference, P. O. Box 114, SF - 20520 Turku, Finlândia.
- LE FORUM EUROPEEN DES PSYCHOLOGUES. Estraburgo, 9-12 de Julho de 1992. - Informações: Le Journal des Psychologues, 61, Rue Marx Dormov, 13004 Marseille, FRANÇA.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF PSYCHOLOGIST. Amesterdão, Holanda, 14-18 de Julho de 1992. - Informações: Secret: Dr. Henk van der Ploeg, Drontermeerlaan, 29, 2317 GH, Leiden, Netherlands.
- 50TH ANNUAL CONVENTION OF THE INTERNATIONAL COUNCIL OF PSYCHOLOGISTS. Amsterdam, the Netherlands, 14-18 de Julho de 1992. - Informações: Secretariat, 4805 Regent St., Madison, Wisconsin 53705, USA.
- 25TH INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY. Bruxelas, 19-24 de Julho de 1992. - Informações/EUA: Joan Buchanan, APA International Affairs Office, 1200 Seventeenth Street, N.W., Washington DC 20036, USA. Informações/EUROPA: Brussels International Conference Centre, Parc des Expositions, Place de Belgique, B-1020 Brussels - BELGICA.

JÁ À VENDA !

JÁ À VENDA!

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA

Amâncio da Costa Pinto

Este livro foi escrito para os alunos de licenciatura e mestrado que pretendem realizar uma investigação na área da psicologia e em certos domínios da educação. Numa linguagem bastante acessível e recorrendo a casos e exemplos elucidativos, o livro expõe e analisa o âmbito e limites dos principais métodos científicos com referência especial ao método descritivo, correlacional, diferencial e experimental. Outros aspectos abordados no livro incluem o papel das teorias e modelos na investigação científica, a natureza científica da investigação psicológica, as relações entre metodologia e estatística e o relato de uma investigação experimental.

Preço: 1280\$00 (portes e envio incluídos)
Pedidos para: cheque/vale postal à ordem de Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76 - 4000 PORTO

Amâncio da Costa Pinto
doutorou-se em 1985
no domínio da psicologia experimental
e é actualmente professor associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
Especialista nas áreas da metodologia psicológica e da aprendizagem e memória humanas.

JÁ À VENDA !

JÁ À VENDA!